

# Georges Gusdorf e o Crepúsculo do Mestre: A forja de Hefaísto

*Prof. Dr. Marcos Ferreira Santos<sup>1</sup>*

## INTRODUÇÃO

**O** esforço hermenêutico de interpretação de um texto nunca foi um ato tranqüilo, seja na tradição mais literária, seja na tradição filosófica. Entre tantas correntes que se desenvolveram na história da humanidade (Paula Carvalho, 1995), o enigma de uma obra literária (ou não) sempre nos tocou no mais recôndito rincão do espírito sem que soubéssemos com precisão seus motivos e processos. O fato é que determinadas obras nos sensibilizam e nos movimentam em seus labirintos sem que a Razão conseguisse nos distanciar o suficiente para analisá-la na primeira leitura. Algumas obras tem a sublime capacidade de tornar ainda mais difícil este distanciamento inclusive nas leituras seguintes.

E aqui me refiro às obras, pois em detrimento da intencionalidade consciente do autor, ele atinge esta totalidade de expressão e cumplicidade do leitor em algumas obras. Raros são os criadores que o conseguem em todas as suas obras. Então, do alto de nossa autoridade emprestada hierarquizamos as obras em obras maiores e obras menores, como se fosse possível uma objetividade ingênua nesta ação valorativa.

Seria esta a intenção original do autor? Esta metáfora seria um mecanismo sinuoso do autor para falar de um trauma antigo? Este personagem seria seu alter-ego? Sua obra é a tradução do *Zeit Geist* que permeia seu tempo e espaço? As obras se articulam com um pano de fundo comum? A criação seria *inspirada* ou resultado de um trabalho cognitivo e racional? Estaria o autor isento das pregnâncias semânticas de seu tempo e espaço, daí a liberdade de sua criação original? Haveria originalidade nesta obra e n'outra não? Não seria a originalidade justamente a forma original de articular todas as influências recebidas? Precisariamos mergulhar em sua biografia (autorizada ou não) para *decifrar* a sua obra ou detectar os profundos mecanismos psicológicos que movimentaram sua

---

<sup>1</sup> Professor de mitologia comparada – Livre-docente pela Faculdade de Educação da USP, coordenador do Lab\_Arte – laboratório experimental de arte-educação & cultura. Contatos: [www.marculus.net](http://www.marculus.net)

pena para sentenciar suas sublimações e imagens? Racionalizaremos suas emoções mesmo tentando ser fiéis às suas imagens? E se nos portássemos como a criança curiosa que vasculha suas imagens, deixando-se guiar pelo devaneio e, dessa forma, ter o privilégio de acompanhar-lhe a criação, nos enlevando a alma solitária com a solidão do ato criador do autor?

Estas e tantas outras perguntas revestem e sintetizam *constructos* teóricos diferentes para lidarmos com o mesmo ato que testemunha desde longínquos tempos a cumplicidade de uma ação inicial primordial: alguém conta uma história e outro ouve. Ação inicial que mantém a memória do homem. Não a memória individual de um homem, mas a memória da humanidade que permanece em nosso subsolo sob camadas sedimentadas que se abrem em determinados instantes vulcânicos. Ação inicial: *iniciação*.

Já não temos a companhia concreta do iniciador que nos marca o espírito e o corpo introduzindo-nos na vida adulta deixando a meninice nas amareladas lembranças que, volta e meia, nos trai a sisudez com o sorriso maroto que salta de uma traquinagem. Nossa contemporaneidade é órfã deste pai espiritual que representava o iniciador. Aquele que nos faz de espada ou jóia, de escudo ou talismã, de lança ou cálice martelando-nos tal qual o metal em sua bigorna repetitiva e persistente dos martelos pesados. E apesar do ato aparentemente violento das marteladas, deixa-nos a superfície lisa, macia, translúcida e espelhada pela paciência de seu primor artífice.

Apesar do calor abrasante ao qual nos submete em suas forjas, sabe temperar-nos entre o calor do fogo e o frio da água, entre o ardor rubro da vontade e o sopro da temperança de seus foles. Este mesmo iniciador de Cultura nos espíritos infantis parece ter submergido no centro do Etna, deixando-nos apenas a sua lembrança nas asas rubro-alaranjadas da *Phoenix* de um pôr-de-sol. Retornará ao amanhecer de outros tempos?

Talvez este iniciador ainda tente retornar em diálogos profundos e cordiais, na maioria das vezes, silenciosos num lugar mais profano, parvo e desprovido de cores. Lugar dessacralizado e secularizado em nome das *Luzes* frias e cegadoras da Razão. Diz Fernando de Azevedo sobre o ensino brasileiro:

*“A inteligência não era, para essas elites, uma aventura de criação e de descobrimento, mas um instrumento de dialética, quando não um simples aparelho de registro de impressões e de leituras, para comentários e obras de erudição. Nenhum espírito crítico nem impulso criador, de dúvida, de inquietação e de pesquisa; os estudos literários, gramaticais e filológicos, puramente formalistas acabariam tomando a primazia, nessa cultura ‘apolínea’, da forma pela forma, sobre a cultura dionisiaca, sufocada por uma filosofia humanística, já rígida e seca, que as letras sem ciência haviam despojado do seu conteúdo de experiência humana.”* (1976, p. 222)

Lugar inesperado para o cultivo de espíritos corajosos e audaciosos na aventura épica, trágica ou dramática em direção ao conhecimento. Talvez este iniciador, tal qual *Ulysses* no retorno à Ítaca,

disfarçado de mendigo sob os andrajos das maledicências, seja um simples professor ou professora numa sala de aula.

*“Só os mitos fornecem interpretações na medida dessa amplidão. A maior parte dos pedagogos recuam, apavorados, diante do imenso percurso necessário, através da antropologia, da cosmologia, e da metafísica inteira, para quem queira situar o ensino na perspectiva dos destinos humanos que lhe cabe fundamentar em verdade e em valor. O pedagogo contenta-se em dissociar para reinar; coloca-se problemas definidos, que resolve por meios técnicos. Uma feliz divisão do trabalho permite, assim, subtrair as questões essenciais (...) a pedagogia serve para justificar os pedagogos.”* (Gusdorf, 1987, p. 13)

Queria eu, empertigado idealista **mazombo**<sup>2</sup> e cultor de inutilidades como a Arte e a Cultura, sugerir a transformação (talvez, *transmutação* mesmo!) da sala de aula em um espaço de iniciação? Não... Ela já é este espaço. Mui provavelmente, nos falte a sensibilidade e o coração verde de um ramo ainda tenro para admitir este espaço de iniciação que subverte os programas e currículos para desgosto dos administradores e tecnocratas empenhados na construção de escolas-quartéis que alinham carteiras e espíritos na uniformidade insípida da insipiência. Falte-nos o reconhecimento recíproco de nossos papéis nestas poucas horas que marcarão uma existência: alguém expõe um conteúdo e outro tenta apropriar-se dele. Um professa, outro se disciplina. Vez ou outra, os papéis se invertem e aquele que pretendia ensinar, se ensisma prazeroso na lição recebida pelo aluno que ousou dizer a sua pequena verdade cambaleante. Então, o mestre com a alma satisfeita manifesta, com o sorriso dos olhos, a sua verdadeira nota naquela avaliação momentânea e abissal.

Mas, nem todos os seus discípulos seguiram o caminho da mestria. Talvez se comprazerão em apenas imitar o mestre e papaguear suas questões, justamente por não conseguirem estar à altura daquele que tomou a palavra e, com a anuência da escuta de todos os alunos, fez do verbo um caminho para lugares outros que a mediocridade. Estes demorarão um pouco mais, mas em algum trecho da longa estrada de ser humano, se lembrarão das argutas questões do mestre, pois o mestre mais que proferir verdades, socraticamente, põe em questão a verdade das existências que estão em seu entorno.

Então, *“professores para quê?”*... põe em questão Georges Gusdorf. E nos vemos diante dos dilemas que apontávamos no início sobre o esforço hermenêutico de compreender uma obra. Nos enredamos no *círculo hermenêutico* do qual nos propõe Martin Heidegger: o que realmente importa não é como saímos dele, mas como entramos. Lembrando da lição personalista do filósofo Paul Ricoeur, o

---

<sup>2</sup> Mazombo é uma expressão cunhada por Fernando de Azevedo (*A Transmissão da Cultura* - Parte 3, 1976) para designar o caráter mestiço próprio do brasileiro.

que importa é o que se revela **diante** do texto<sup>3</sup> e não o que esteja em suas entrelinhas, sob o texto ou atrás dele. E o que se revela diante do texto? O leitor.

Leitor que participa da construção do texto como a chama que cresce a partir de uma fagulha inocente, crepitando das brasas das palavras. Palavras do autor que vão deslizando para o leitor e, repentinamente, parafraseando Maurice Merleau-Ponty, já não sabemos se o que pensamos é nosso ou é o autor que trafica imagens e idéias em nosso espírito e em nosso intelecto<sup>4</sup>.

Creio que me falta o distanciamento necessário para uma mitocrítica<sup>5</sup> desta obra de Georges Gusdorf, mas em minha modesta ousadia de aventureiro argonauta, gaiato passageiro de uma velha nau no Mediterrâneo dos meninos em direção ao poente dos velocinos d'ouro no Cólquida das *Medéias* traidoras e traídas por amor; só o consegui tentar por que ele é um desses iniciadores que jazem e florescem (por que são tesouros vegetais) em minha alma, marcando sua presença humana e serena, sua criação, sua mitopoiésis nas letras gravadas em minha sensibilidade desde a primeira vez que, inocentemente, abri o livro e folheei as suas páginas libertando seu espírito forjador no Etna de meu singelo passar de olhos...

Que me perdoem os doutos entendidos pela audácia de aprendiz. Mas, como dizia Bachelard, *o incendiário e o incêndio são um*<sup>6</sup>. Meu passado de bombeiro só me permite esta singela pira em honra do mestre. Acendo-a aqui em sua memória, esperando ser fiel à resposta singela e particular, pessoal e singular e à realização que o anúncio do mestre exige. Outros dirão das labaredas devaneantes ou das cinzas negras esquecidas numa clareia qualquer, enquanto as marteladas do que nunca envelhece continuam rufando tempestades no caminho dos tranqüilos.

**"O professor ensina a todos a mesma coisa: o mestre anuncia a cada uma verdade particular, e se é digno de seu trabalho, espera de cada um uma resposta particular, uma resposta singular e uma realização. "**

(GEORGES GUSDORF, "Professores para quê?", 1987, p.56)

<sup>3</sup> Ricoeur, Paul. *A Função Hermenêutica do Distanciamento* In: *Interpretação e Ideologias*, 1988, p.58.

<sup>4</sup> Merleau-Ponty, Maurice. *O Homem e a Comunicação: A Prosa do Mundo*, 1974, p. 29.

<sup>5</sup> Durand (1982; 1985 e 1994). A ortografia arcaica de "**mito**" derivado do grego *mythós* ("aquilo que se relata") aqui é adotada por mim para assinalar a diferença das concepções usuais de "mito" como algo ilusório, fantasioso, falacioso, resultado de uma má consciência das coisas e das leis científicas. O mito é aqui compreendido como sendo a narrativa dinâmica de imagens e símbolos que orientam a ação na articulação do passado (*arché*) e do presente em direção ao futuro (*télos*). Neste sentido é a própria descrição de uma determinada estrutura de sensibilidade e de estados da alma que a espécie humana desenvolve em sua relação consigo mesma, com o Outro e com o mundo, desde que, descendo das árvores começou a fazer do mundo, um mundo humano (Ferreira Santos, 1998).

<sup>6</sup> Bachelard, Gaston. *Fragmentos de uma Poética do Fogo*, 1990, p. 139.

## O MITO E A INICIAÇÃO PEDAGÓGICA

Gusdorf sabe muito bem do papel preponderante do mito frente aos dilemas epistemológicos contemporâneos, frente às questões existenciais e também no âmbito das questões educacionais. Não é ingenuamente que ele utiliza freqüentemente expressões como: “lenta odisséia pedagógica” e “os ritos de passagem da civilização ‘escolar e universitária” (p.1). Professor também de Gilbert Durand, podemos perceber tanto em “*Mythe et Métaphysique*”, como neste “*Professores para quê?*”, algumas orientações que possibilitaram ao pesquisador de Grenoble a riqueza e profundidade de suas investigações no, já clássico, “*Estruturas Antropológicas do Imaginário*”.

O papel mítico da iniciação pedagógica parece à Gusdorf estar sempre relacionado ao elemento teleológico do próprio mito:

*“uma pedagogia da pedagogia, se exerce sobre a investigação dos processos secretos através dos quais, fora de todo conteúdo particular, se cumpre a edificação de uma personalidade e se processa um destino.”* (p. 3)

Assim se pergunta, como que para demonstrar a profundidade deste aspecto tão descuidado pelos pedagogos: “*Por que nenhuma cultura jamais conseguiu prescindir da função docente?*” (p. 7)

Este caráter de iniciação, ou como costume indicar, esta *ação inicial*, não deixa de ser um segundo nascimento:

*“Todo nascimento é um mistério. O mistério pedagógico coroa o nascimento de um espírito, a vinda de um espírito ao mundo e a si mesmo. Mas, o mistério, na ordem da lógica, projeta-se em forma de contradição, a mesma contradição que a parábola do Ménon sublinha. Se cada vida pertence a si própria, como transferir algo de uma existência para outra?”* (p. 9)

Malgrado a colocação da pergunta, em seu interior já existe o germe contraditório da resposta. Não há transferência. A iniciação pedagógica (o que chega a ser um pleonismo) é, sobretudo, a garantia da identidade cultural do grupo e a sobrevivência existencial da pessoa. Por mais paradoxal que pareça, as situações-limite nos impõe a percepção concreta do transitório limítrofe do crepúsculo da própria vida nesta dupla necessidade, coletiva e pessoal:

*“Houve um tempo em que o mestre guardava para si idéias mais importantes, tal qual o alquimista medieval que somente em seu leito de morte confiava seus processos de fabricação ao seu mais fiel discípulo. Na sabedoria antiga, a doutrina verdadeira do filósofo revestia-se do aspecto confidencial dos segredos de **oficina**, das receitas ciumentamente guardadas.”* (p. 9)

Contradições, paradoxos, conciliação de contrários... estamos em pleno terreno mítico, e Gusdorf ao nos aproximar desta dimensão do relacionamento pedagógico, nos lembraria da tradição

hermesiana, justamente tendo a “*oficina*”, lugar do ofício, como imagem transdutora para relativizar as exigências de uma lógica excludente, aristotélica e estreita:

*“A intuição da solidariedade fundamental e da unidade de vocação entre a realidade humana e a ordem das coisas encontra-se na base das doutrinas de correspondência entre o microcosmo e o macrocosmo, que, sob uma forma ou outra, são freqüentemente reafirmadas na história do pensamento humano, seja pelos que cultivam as tradições ocultas, seja pelos metafísicos no sentido exato do termo. O **hermetismo** em suas diversas formas, a astronomia, a alquimia fundamentam-se, em grande parte, nessa correspondência analógica entre o homem e o universo, de onde são extraídas as várias doutrinas e técnicas. A maioria das práticas ocultas baseia-se na **unidade de estrutura e de ritmo** que supostamente existe tanto no indivíduo como na totalidade cósmica.”* (p. 11)

Seria esta unidade de estrutura (de sensibilidade) e de ritmo (cíclico) algum correlato desta imagem significativa em Hefaiсто: o ritmo de suas marteladas sobre a bigorna forjando armas ou jóias. No plano patente, Gusdorf sugere, como que divisa para trabalhos futuros:

*“Um reagrupamento e um confronto dos mitos que levassem a uma mitologia comparada permitiria revelar as grandes orientações do ser humano em seu confronto com o mundo. Este esclarecimento mítico da condição humana demonstraria, sem dúvida, as verdadeiras proporções do fato educativo.”* (p. 12)

Não se trata de uma apologia do mito. O próprio Gusdorf enfatiza em “*Mythe et Métaphysique*” que o mito não se situa na antevéspera da Razão. Pertencem a dimensões diferentes e a Razão apenas se enriqueceria com a contribuição do pensamento mítico. O mito para salvar a Razão e não contra ela. Isto porque:

*“As interpretações míticas podem ser mais ricas em sugestões válidas do que muitas obras técnicas, cujo rigor científico aparente não consegue dissimular o vazio do pensamento (...) A verdade mítica apodera-se imediatamente do pensamento invocando, não o espírito crítico, mas as profundezas da vida pessoal, os obscuros subterrâneos da sensibilidade, nas regiões em que a alma se enlaça na aliança originária da consciência e do corpo.”* (p. 13)

Neste sentido, se justificam as insistências de Gusdorf na “*odisséia*”:

*“O desenvolvimento intelectual é a contrapartida, talvez o reverso, talvez a expressão ou o símbolo de uma odisséia da consciência pessoal. Cada homem é, assim, o herói de seu próprio romance de formação.”* (p. 19)

A grande contribuição das investigações antropológicas sobre o mito é a relativização do etnocentrismo de que a cultura ocidental sempre foi devedora. “*Em muitos pontos, a boa consciência ocidental só é possível graças a uma xenofobia tão sistemática quanto ingênua.*” (p. 45) . Então, Gusdorf, sem maiores pudores, lança mão de exemplos que a tradição poderia considerar “*exóticos*”:

*“A pintura a nanquim revela a segurança e a mestria, através da mão que, de posse da técnica, executa e torna visível seu sonho, no momento exato em que o espírito começa a elaborar formas, sem que haja, entre concepção e realização, ‘a espessura de um cabelo’. A pintura torna-se uma escrita automática. E, também aqui, o preceito a dar ao pintor pode se formular simplesmente nessas palavras: ‘Observe o bambu durante dez anos, torne-se bambu você mesmo, depois esqueça tudo e pinte’” (E. Herrigel, *Le Zen dans l’art chevaleresque du tir à l’arc*, Lyon, 1958, p. 81 *apud* Gusdorf, 1987, p. 49).*

Embora já não consideremos, por exemplo, o Zen Budismo, como cultura “exótica”, a escolha de Gusdorf sobre este exemplo em particular nos parece significativa. A conjunção entre a técnica (mais no sentido grego de *Tekhné*) e o domínio de si próprio. Não se trata de simples apuro técnico exterior a qualquer aprofundamento espiritual. Não bastam as marteladas de Hefaiсто. Qualquer *Dédalo* mortal o faria. Só Hefaiсто pode também “soprar” o espírito em suas criações, inflamando-as de vida.

*“Para lá da função propriamente epistemológica do ensino, que promove um saber, é exercida uma função espiritual, correspondente a um excedente de significações (...) As contribuições da psicanálise e os diversos prolongamentos da psicologia profunda tomaram clara essa necessidade de uma compreensão global prévia para qualquer pedagogia especializada.” (pp. 52-53)*

Não seria este, talvez o sentido enfatizado por Gusdorf ao abordar a função espiritual do mestre nesta sua distinção cabal entre o mero professor e aquele que faz do verbo, a linha de *Ariadne* para o nosso labirinto existencial?

*“O mestre não limita sua influência a conselhos técnicos, a uma orientação epistemológica, não é apenas um guia do aluno através do labirinto de sua própria existência. Graças à ação persuasiva de sua presença, e talvez sem que isso seja expressamente posto em questão, desfaz as contradições íntimas: explica cada um a cada um, apontando os rumos decisivos.” (p. 81)*

Mas o verbo como *logos* é limitado. As palavras parecem dizer mais do que comportam. Então, Gusdorf se vale de D. T. Suzuki, eminente integrante do *Círculo de Eranos*, para auxiliá-lo:

*“A idéia dos mestres é apontar o caminho onde a verdade do Zen pode ser experimentada (...) Tudo se torna incompreensível, se procuramos um sentido nas palavras do mestre, pensando que essas palavras revestem idéias (...) O sentido não deve ser procurado na expressão, mas em nós mesmos, no nosso próprio espírito despertado para a mesma experiência.” (D. T. Suzuki, *Essais sur le Bouddhisme, Zen*, Albin Michel, 3a. ed., p. 371 *apud* Gusdorf, 1987, p. 93)*

É desta forma que podemos classificar os mestres autênticos como aqueles “*profetas da comunicação indireta*” (p. 95) de que trata o filósofo Karl Jaspers, também invocado por Gusdorf. No

entanto, a construção do mestre não é sem perigos. Trata-se também de uma odisséia. Nela, as *Circes* estão à postos:

*“A tentação será, então, abandonar a realidade da pessoa pelas ilusões do personagem (...) Do professor primário ao professor universitário, todo membro da função docente é um personagem. A cátedra faz com que o docente apareça como vedete.”*(pp. 101 e 103)

Em que medida este percalço na trajetória mítica do mestre o desqualificará para simples professor, é algo que trataremos mais à frente, ao tentamos detalhar as ressonâncias entre o trajeto mítico de Hefáisto e a obra de Gusdorf.

Reafirmando ainda o papel mítico da iniciação pedagógica, Gusdorf nos lembra dos órfãos desta iniciação *in vivo*:

*“O drama do autodidata é que não conseguirá jamais remediar esta deficiência inicial. Condenado, desde seu despertar para a vida do espírito, a uma luta desigual, conservará sempre um sentimento de inferioridade. A cultura se oferece a ele como um bloco sem fendas, e que o esmaga, porque ninguém lhe serviu de mediador (...) Sua atitude continuará sempre marcada por uma espécie de infantilismo, que, aliás, oscila, em relação aos outros, entre uma excessiva humildade e uma desagradável arrogância.”* (p. 132)

Arrogância que nos soçobra nas vagas desoladoras da rotina estabelecida nos incolores caixotões escolares de concreto pré-moldado: *“A experiência escolar é uma experiência solidária. Não se reduz a essa engorda dos cérebros que é a única preocupação dos programas e exames.”* (p. 154). O contrapeso desta engorda está justamente na pluralidade dos universos culturais que uma postura aberta ao diálogo e ao diferente incitaria nos espíritos sedentos. Paradoxo enebriante, a pluralidade é o que nos atesta a unicidade das formações sócio-culturais. Desfilam trajes diferentes, mas nossa corporeidade humanitária é a mesma. Emergem rios vários das mesmas e pequenas nascentes:

*“O ideal unitário da cultura clássica dá lugar a uma espécie de museu imaginário das culturas, nas quais se exprime através do espaço e do tempo a presença do homem sobre a terra. E porque cada forma de cultura é a marca do homem, é igualmente respeitável e sagrada.”* (p. 199)

Paradoxo enebriante, pois Hefáisto é amigo de Dionyso. Só através dele é que libera Hera, sua mãe (natureza) da armadilha de ouro. Afinal, uma das vertentes míticas atribui a ela o motivo de tornar-se coxo. A armadilha aqui é o assassinato simbólico da mãe/pai no trono que acorrenta (laços). Para tornar-se artífice autônomo é preciso matar a mãe e, então, assumir-se coxo:

*“Nunca deixamos de enfrentar nosso pai, de dialogar com ele, como claramente mostram a psicanálise e a psicologia profunda (...) É preciso, ensina Freud, que o filho mate o pai e que, em seguida, se tome seu amigo. A maior parte das vidas humanas são igualmente incapazes desses dois extremos (...) A instituição social e jurídica da família consagra os **laços** de sangue,*

*a biologia assegura ao parentesco uma espécie de fundamento metafísico e metamoral.” (pp. 79-80)*

Maurice Merleau-Ponty em sua inesquecível aula inaugural no Colégio de França em 1952, “*Elogio da Filosofia*”, escreve com todas as letras: “O **coxear** do filósofo é sua virtude”<sup>7</sup>.

*“Em diálogo com os seus discípulos, o professor de filosofia não é, aliás, uma origem absoluta. Porque ele próprio teve mestres, de quem fala aos seus alunos; os professores reportam-se, deste modo, uns aos outros, e de referência em referência pode se dizer que demarcam o campo humano. A verdade não pertence a ninguém, porque ela é o lugar comum de todos; ela é a vocação comum da humanidade para a humanidade. O mestre é o testemunho desta verdade humana; e cada um se descobre no espelho deste testemunho. É por isso que o professor de filosofia é, sem dúvida, à sua maneira, um encantador.” (p. 211).*

## A FORJA DE HEFAÍSTO

*“...não mergulhes nas lides de Ares enquanto não me vires voltar. Pois ao romper da aurora, ao levantar-se o sol, voverei para trazer-te formosas armas da parte do rei Hefaisto.”. Ditas essas palavras, afastou-se do filho e assim se dirigiu às marinhas irmãs: ‘Agora, mergulhai no vasto seio do mar, ide ver o velho marinho e a morada de meu pai, e contai-lhe tudo. Irei ao vasto Olimpo, à procura de Hefaisto, exímio artífice, pedir-lhe que dê a meu filho armas ilustres, brilhantíssimas’. Ouvindo essas palavras, sem detença, mergulharam elas [as nereidas] nas vagas do mar; e Tétis, a deusa de argênteos pés, foi para o Olimpo, onde buscaria para o filho armas memoráveis”.*<sup>8</sup>

Hefesto, Hefaisto ou ainda Vulcano (nome latino) é o deus ferreiro e coxo cujas forjas se acham no interior do vulcão da ilha de Lemnos, depois transferido ora para o Olimpo, ora ao interior do Etna. Mesmo Etna onde se suicidaria Empédocles, o filósofo-poeta dos quatro elementos (água, ar, terra e fogo) que tanto apaixonou o mestre Gaston Bachelard (1989 e 1990).

Hefaisto é o mestre artífice imortal que com graça e habilidade fabrica jóias e armas para os olímpicos e seus protegidos, heróis dependentes do humor dos deuses. Ao mesmo tempo, deus do

<sup>7</sup> Merleau-Ponty, Maurice. *Elogio da Filosofia*, 1986, p. 78.

<sup>8</sup> Homero, *Iliada*, XVIII, 1961, p.323.

fogo e da metalurgia, artesão supremo, possui, como os vários deuses do panteão grego, várias vertentes sobre sua origem e façanhas.

Gilbert Durand (1994) lembra com muita pertinência que se trata do correlato grego do deus do fogo hindú, *Yavishtha*, que na literatura védica está associado a *Shiva*, manifestação divina responsável pela destruição e transformação pelo fogo, ao lado de *Bhrama* (o Criador) e *Vishnu* (o Conservador). Ainda segundo Durand, o nome grego *Hefaiostos* significaria “aquele que não envelhece”.

Junito Brandão<sup>9</sup> ao analisar a etimologia do nome, nos esclarece que pode ser decomposto em *ap* (aph): água, e *aidh* (aistos): acender, “pôr fogo em”; que relacionado com seu trajeto mítico, nos autoriza a inferir seu significado como “fogo nascido nas águas celestes”. Estas primeiras indicações sobre o caráter transformador, artífice e conciliador de contrários (fogo úmido) já nos adverte sobre a sua possível circulação entre as imagens de uma estrutura de sensibilidade dramática (Durand, 1981), a qual nos aventuramos a classificar num regime de imagens *crepuscular* (Ferreira Santos, 1997 e 1998), pelo contato com símbolos hermesianos (relativos a Hermes).

Uma das vertentes sobre a gênese de Hefaiсто, é a que encontramos na *Teogonia* de Hesíodo:

*“Ele da própria cabeça gerou a de olhos glaucos  
Atena terrível estrondante guerreira infatigável  
soberana a quem apraz fragor combate e batalha.  
Hera por raiva e por desafio a seu esposo  
não unida em amor gerou o ínclito Hefesto  
nas artes brilho à parte de toda a raça do Céu.”*<sup>10</sup>

Gerado por Hera sozinha em sua cólera diante do parto de Athená, o deus coxo e ferreiro, assim teria ficado, segundo Homero na *Ilíada* (1961), por Zeus ter se zangado com o filho ao defender a mãe numa discussão sobre o destino de Hércules. Segurando-o por um dos pés, o arremessou para fora do Olimpo. Depois de um dia todo rolando pelo espaço, veio a cair na ilha de Lemnos já ao se estender a noite, tendo ficado coxo com a queda. Os habitantes da ilha, os Síntios (população trácia imigrada para a ilha), o recolhem. Ali aprende com *Naxio Cedálion* a arte de trabalhar com metais<sup>11</sup>.

Outra vertente ainda encontramos na própria *Ilíada*, quando Tétis, uma das titânides primordiais (teria acalentado a própria Hera menina), divindade feminina dos mares, casada com o irmão, o rio *Oceano*; vai até a casa de Hefaiсто, pedindo-lhe armas para o filho Aquiles enfrentar os troianos. A riqueza de detalhes de Homero nesta passagem, nos persuade a transcrevê-la:

*“Entretanto, Tétis de argênteos pés chegou à morada de Hefaiсто, morada imperecível,  
brilhante como um astro, notável entre as moradas imortais, feita de bronze, que o próprio Coxo*

<sup>9</sup> Brandão, *Dicionário Mítico-Etimológico da Mitologia Grega*, 1991, p.489.

<sup>10</sup> Hesíodo, *Teogonia*, versos 924 a 929, 1995, p. 157.

<sup>11</sup> Grimal, *Dicionário de Mitologia Grega e Romana*, 1993, p.195.

*fabricara para si. Encontrou-o suando; apressando-se à volta dos foles, empenhado no fabrico de nada menos de vinte tripodes, para encostar à parede, em torno de uma sala bem construída. Colocava rodinhas de ouro na base de cada uma, a fim de que, por si mesmas, entrassem na assembléia dos deuses e voltassem para seus lugares, maravilhoso espetáculo. Achavam-se quase prontas; só as asas, bem trabalhadas, ainda não lhes tinham sido fixadas: ele as preparava e forjava as presilhas. Enquanto nisso se afadigava com sábia arte, aproximou-se Tétis, a deusa de argênteos pés. Tendo-a visto quando se adiantava, Cárís de brilhante tocado, a formosa Cárís, esposa do insigne coxo, colocou a mão na de Tétis, e perguntou-lhe, chamando a pelo nome:*

*- 'Por que, Tétis de flutuante véu, vens a nossa casa, tu que respeitamos e amamos? Até agora não a tens visitado muito amiúde. Mas segue-me, para que eu te ofereça os presentes de hospitalidade'*

*Tendo assim falado, deusa divina entre todas, levou Tétis mais adiante. Fê-la sentar-se em trono cravejado de prata, habilmente manufaturado, com um escabelo para os pés. E chamou Hefaisto, artífice ilustre, dizendo-lhe:*

*- 'Hefaisto, vem como estás; Tétis precisa de ti'.*

*Respondeu o ilustre coxo:*

*- 'Sim, é uma deusa temida e venerada que está em minha casa, que me acudiu quando o sofrimento me acometeu, depois da longa queda ordenada por minha mãe de olhos de cadela, que queria esconder-me, porque eu era coxo. Eu teria, então, sofrido muito, e Eurínome [filha de Tétis e do rio Oceano] e Tétis não me tivessem recebido em seu seio, Eurínome, filha do Oceano que volta sobre si mesmo. Ao pé dela, durante nove anos, forjei muitas jóias bem feitas, em profunda gruta, presilhas, espirais de formosas curvas, cálices, de flores e colares. Em torno da gruta, o curso do Oceano, com sua espuma e seus murmúrios, fluía infinito: e ninguém sabia de nada, nem os deuses, nem os mortais, senão Tétis e Eurínome, que me tinham salvado. É Tétis que hoje vem a nossa casa; devo pagar-lhe cabalmente, a Tétis de formosas madeixas, o resgate de minha vida salva. Coloca diante dela formosos presentes de hospitalidade, enquanto ponho de lado meus foles e meus instrumentos.'*

*Disse, e da bigorna ergueu-se, manquejando, o ser monstruoso, enorme; debaixo dele, agitavam-se-lhe as pernas finas. Os foles, colocou-os longe do fogo; e reuniu em uma caixa de prata todas as ferramentas, todos os instrumentos de trabalho. Com uma esponja enxugou o rosto, as mãos, o pescoço forte, o peito hispido. Vestiu uma túnica [viam os antigos nesse indumento o sinal de um operário], empunhou um grande cetro e encaminhou-se para a porta, coxeando. Criadas de ouro, mas em tudo semelhantes a raparigas vivas, apressavam-se em sustentar o príncipe; essas criadas têm um espírito no diafragma, têm voz, têm força, e os*

*imortais ensinaram-nas a agir. A estear o rei, portanto, se davam pressa; e ele, aproximando-se com dificuldade do lugar em que Tétis se assentara em trono brilhante, colocou a mão na mão da deusa, e disse-lhe, nomeando-a:*

- *'Por que, Tétis de véu flutuante, vens a nossa morada, tu que respeitamos e amamos? Até agora, não a tens visitado amiúde. Expressa teu desejo, que meu coração me incita a realizar, se puder realizá-lo, e se for prudentemente realizável.'*

*Tétis respondeu, vertendo lágrimas:*

- *'Hefáisto, haverá alguma deusa, entre todas as divindades do Olimpo, que, na alma, haja suportado tantas penas cruéis como as dores que me tem enviado o filho de Cronos, Zeus? Só, entre as deusas marinhas, submeteu-me a um mortal, o Eácida Peleu, e eu sofri o leito de um homem, muito contra minha vontade. Mas ele, sob o peso da triste velhice, jaz acabrunhado em seu palácio. E eis aqui outras dores para mim.'*<sup>12</sup>

A participação de Hefáisto na saga de Aquiles na *Iliada* ainda nos será de grande valia nesta tentativa de mitocrítica da obra de Georges Gusdorf, mas, por enquanto, nos detenhamos em alguns pormenores da narrativa mítica de Hefáisto para melhor compreendermos suas características.

Um dos atributos de Hefáisto é a arte do laço, das ataduras, das correntes e dos liames. Atributo este que nos remete novamente ao universo hermesiano da conciliação dos contrários. Para vingar-se da mãe furiosa, Hefáisto fabrica um trono de ouro majestoso com ornamentos jamais vistos pelos grandes do Olimpo. Inadvertidamente e seduzida pela beleza do presente, Hera senta-se de imediato no trono. Tão logo se acomoda a ele, ataduras a prendem. Ninguém conseguia libertá-la de tal armadilha, pois tão somente Hefáisto sabia o segredo sendo o senhor do atar e desatar. Dessa forma, chamam a *Dionysos*, a quem Hefáisto confiava, para libertar sua própria mãe. Ainda relutante em fazê-lo, *Dionysos*, deus do êxtase e do *enthusiasm*, o embriaga com vinho e assim consegue que, montado num burro, chegue ao Olimpo e livra a mãe da armadilha engenhosa.

É curioso perceber aqui as ligações entre esta *"traquinagem"* vingativa do velho Hefáisto e a precoce sagacidade do *puer aeternus* Hermes ao livrar-se facilmente das atas em que estava enfaixado (hábito comum para com recém-nascidos) no vão de um salgueiro numa gruta do monte *Cylene*, ali deixado por sua mãe, a ninfa *Maia*; para tão logo roubar o rebanho de *Apolo*. Ambos se relacionam por este atributo especial de atar e desatar, ligar e reunir pelos laços.

Muito embora seja contraditório - mas devemos lembrar que o mito não é regido pela lógica aristotélica - o próprio Hefáisto teria ajudado Zeus a dar à luz a *Athena*. Este lhe teria pedido que o golpeasse com o bastão de ferro na cabeça, de onde teria nascido a dos olhos de coruja, deusa da Sabedoria, saída diretamente da sapiência de Zeus. Este acontecimento demonstra as ligações entre Hefesto, Hera e *Athena*, sendo o artífice senhor do elemento ígneo, justamente o símbolo da

emergência da criação (poiésis) entre a natureza (Hera) e a cultura (Athená), portanto, símbolo da indissociabilidade do complexo bio-psíquico, corpo e espírito. Neste sentido, exprime Gusdorf:

*“Estamos longe de conhecer a última palavra dessa inteligibilidade compreensiva que liga as estruturas do corpo e as do pensamento. A única coisa que sabemos é que qualquer dissociação, qualquer tentativa de contabilidade de partidas dobradas está fadada ao insucesso porque mutila seu objeto em lugar de interpretá-lo.”* (pp. 12-13)

As “núpcias intelectuais e artísticas”<sup>13</sup> entre Hefáisto e Athená são atestadas na reciprocidade do altar de Hefáisto no *Erékththeion* (Erecteu) templo de Athená Poliás na Acrópole; e da estátua de Athená no tempo de Hefáisto. O próprio Platão afirma a identidade das duas divindades em seu *amor comum pela ciência e pela arte*, conjugando *philosophia* e *philotekhnía*, tanto na obra *Protágoras* (321) como no *Crítias* (109). Nas *Apatúrias* (“sem-pai”), festa jônica e ática realizada anualmente em outubro por três dias, onde os filhos eram apresentados e reconhecidos como membros de um *frátria* (filhos de um mesmo pai), as divindades que regiam tal festividade eram *Athená Frátria*, *Zeus Frátrios* e Hefáisto, sendo o senhor do fogo celebrado como protetor das lareiras e, conseqüentemente, da família.

Outra festividade em homenagem a Hefáisto é a *Lampadedromía*: uma corrida de fachos de fogo acesos, cuja função é a *renovação do fogo* no movimento cíclico da vida e da morte. Também no bairro de *Ceramico*, a *Khalkeia* (Calquis), festa dos metalúrgicos era presidida por Hefáisto e Athená. Tanto estas ligações são fortes que Hefáisto teve um filho, *Erectônio* (“filho da terra”), em função de seu desejo por Athená. Tendo ela pedido armas ao ferreiro imortal, Hefáisto que havia sido abandonado por Afrodite, tentou ter com a deusa virgem, mas a Minerva latina fugiu. O coxo manquejando ainda conseguiu alcançá-la, mas seu esperma caiu sobre a coxa de Athená que a limpou com um floco de lã e logo depois jogou à terra. Ali, na terra, foi gerado o filho de Hefáisto. Athená o recolheu quando nasceu e o encerrou num cofre, pois havia nascido metade homem e metade serpente, confiando-o às filhas do rei Cécrops. Outra vertente diz que havia uma serpente ao lado da criança, mas de qualquer forma, o atributo ctônico é flagrante. Aglauro, Herse e Pândroso, jovens princesas não resistiram à proibição de não abrir o cofre, ao ver o “filho da terra”, foram acometidas da *nóia* (loucura) e praticaram o *katapontismós*: jogaram-se do alto do rochedo da Acrópole. Athená encarregou-se de educar o filho em um recinto sagrado da Acrópole e, posteriormente, tomou-se rei de Atenas. Inventou a quadriga, introduziu o uso do dinheiro e organizou as *Panatenéias*, festividades em honra de sua mãe, Athená.

O senhor dos nós, das bigornas, das correntes e do fogo, apesar de sua fealdade, teve companheiras belíssimas. Inspirando-o a graça nas jóias que fabricava, desposou *Kháris* (Cáris), a *Graça*. Outra Cárite, *Aglaia*, a mais jovem, é indicada por Hesíodo como a esposa de Hefáisto:

---

<sup>12</sup> Homero, *Ilíada*, XVIII, 1961, pp. 328-330.

<sup>13</sup> Brandão, 1991, p. 491.

*“Esplendente a mais jovem Graça, Hefesto  
o inclito Pés-tortos desposou-a florescente.”*<sup>14</sup>

No entanto, o grande *affair* no trajeto mítico de Hefesto é com Afrodite, a nascida das espumas do Mar fecundadas pelo esperma de Urano mutilado por Cronos, versão grega da *Ishtar-Astarté* semita, deusa da vegetação. Inclusive o amante divino de Afrodite, *Adônis*, não é outro, senão a versão grega do babilônico *Tammuz*.

Depois do casamento de Hefesto com Afrodite, *Ares*, o temido e pouco venerado deus da guerra (Marte latino) aproveita-se das longas ausências de Hefesto no Etna, forjando armas para os constantes pedidos, para flertar com Afrodite, dividindo seu leito. Para evitar que o ferreiro coxo soubesse, manda o jovem *Aléctrion* colocar-se como sentinela para avisar o casal adúltero dos primeiros raios do sol a fim de que nenhum dos olímpicos soubesse. No entanto, o jovem soldado adormece certa vez e *Hélio*, o próprio Sol, flagra o casal e denuncia a Hefesto. Preparando o escárnio do casal, Hefesto, senhor dos laços prepara uma rede especial para os adúlteros. Quando os dois se deitam na rede, são atados sem que pudessem sair e então o ferreiro convoca todos os deuses do Olimpo para verem a traição de Afrodite e se demoram em ressonantes gargalhadas. *Ares* furioso transforma o descuidado sentinela em galo (*alektryón* em grego) condenado a cantar toda madrugada antes do nascer do sol. Do amor adúltero entre Afrodite e *Ares* nascem *Fobos* (o medo), *Deimos* (o terror) e *Harmonia*.

Será também com Afrodite que *Hermes* terá seu filho, *Hermafrodito*. E temos novamente um elemento que atesta o trajeto mítico de Hefesto em circulação pelo regime crepuscular.

Outra façanha do senhor das forjas é a criação da primeira mulher, *Pandora*:

*“A obra-prima do coxo genial, porém, foi a ‘criação’ da primeira mulher. Por solicitação de Zeus, Hefesto modelou em argila uma mulher ideal, fascinante, irresistível, Pandora. Não a modelou apenas, foi além do artista: animou-a com um sopro divino. Se Pandora, de um lado, pantenteia a genialidade e o poder de que estava investido o deus dos **nós**, de outro, demonstra que os gregos tinham noção perfeita de que o **limo da terra**, o **homo-humus** é animado por uma centelha de eternidade.”*<sup>15</sup>

Será justamente a esperança, o último elemento a sair da caixa de Pandora.

Hefesto ainda foi o responsável pelas correntes que amarraram o rebelde *Prometeu* ao Cáucaso, por ordem de Zeus. Pobre titã acorrentado tendo suas vísceras devoradas pela águia do Júpiter latino, por ter roubado o fogo do senhor do Olimpo para dá-lo aos mortais:

*“O deserto da Cítia queima sob o sol implacável, mas a áspera nudez da areia e das rochas vibra de ecos. É que Vulcano, o deus manco forjador de armas, está curvado sobre a sua*

<sup>14</sup> Hesíodo, *Teogonia*, versos 945 e 946.

<sup>15</sup> Brandão, 1991, p. 490.

*bigorna e os golpes do seu martelo trovejam sem cessar. Entretanto, o Imortal, sempre apaixonado pelo seu ofício, trabalha a essa hora, sem orgulho e sem pressa. O metal de onde tira feixes de faíscas não será uma espada gloriosa nem um escudo protetor, nem conhecerá os lances entusiásticos do combate. Vai formar as cadeias de um prisioneiro (...) Vulcano não resiste mais. Júpiter quer ser obedecido. Em torno do corpo vencido passa as pesadas correntes e, com vigorosas marteladas, prende os anéis ao rochedo.”<sup>16</sup>*

O ourives divino Hefáisto hesita em acorrentar o titã vencido. Sua compaixão é atropelada pela fúria de Zeus. No entanto, o artesão olímpico também frequenta os campos de batalha, tanto na *Gigantomaquia* como na *Iliada*. Ali revela seus atributos do fogo-úmido submetendo os troianos à “*Força do Rio*” flamejante<sup>17</sup>

Na mesma *Iliada*, Hefáisto ouve a súplica de Tétis por armas para Aquiles, seu filho:

“- *Eis por que, agora, venho a teus joelhos suplicar-te que dês a meu filho, cuja morte não tarda, um escudo, um capacete, belas cnêmides articuladas com fivelas, e uma couraça: pois as armas que possuía, perdeu-as o fiel companheiro, suplantado pelos Troianos. E meu filho está estirado em terra, com o coração alanceado.”*<sup>18</sup>

À qual responde, o ilustre coxo:

“- ‘*Cobra alento; não se inquiete tua alma. Pudesse eu furtá-lo à morte maldita, quando chegar seu destino terrível, tão certo como ele terá formosas armas, tais que nenhum homem deixará de assombrar-se ao vê-las.*’

*A essas palavras, deixou-a, para voltar a seus foles. Virou-os para o fogo e ordenou-lhes que trabalhassem. Os foles, vinte ao todo, sopravam nos fornos, lançando um sopro habilmente variado, ora para acomodar-se à pressa de Hefáisto, ora para outro fim, segundo a vontade dele e as necessidades do trabalho. Atirou ao fogo o bronze duro, o estanho, o ouro precioso, a prata. Em seguida, pôs no cepo enorme bigorna, com uma das mãos apanhou um martelo vigoroso e, com a outra, as tenazes.*

*Fêz primeiro um escudo, grande, robusto, bem trabalhado em todos os sentidos. Adaptou-lhe em torno uma bordadura tripla, brilhante, ofuscante, e nela suspendeu um talim de prata. Havia cinco placas no escudo propriamente dito; e Hefáisto nelas entalhou, com arte sábia, primorosos ornatos”* (p. 331).

Aqui então, nos interessará a descrição dos ornamentos que Hefáisto faz no escudo protetor para Aquiles e que nos remeterão à obra de Georges Gusdorf.

<sup>16</sup> *Ésquilo, Prometeu Acorrentado*, 1993, pp.35-36.

<sup>17</sup> *Homero, Iliada*, XXI, p. 370.

<sup>18</sup> *Idem*, p. 331.

“Nelas representou a terra, e o céu, e o mar, o sol infatigável e a lua cheia, e todos os astros que coroam o céu, as Plêiades, as Híades, Sua Força Orion, e a Ursa, também chamada Carreta, que gira sobre si mesma espiando Orion, e é a única que não se lava no Oceano” (p.331).

## O FOGO ÚMIDO E OS LAÇOS

Além destes indícios iniciais do predomínio do mito de Hefáisto em Gusdorf, percebemos na estruturação desta obra uma “coincidência significativa” com os adornos criados por Hefáisto no escudo destinado a Aquiles, filho de Tétis. Três cenas são descritas com grande riqueza de detalhes. Três grandes círculos sendo que o primeiro envolve um encontro nupcial e um julgamento numa cena urbana, o segundo uma batalha e o terceiro uma cena pastoral. Pelas tônicas que se configuram a partir dos *mythemas* (unidades semânticas mínimas) evocados pelas imagens e símbolos e *mitologemas* (estruturas mínimas de ação mítica) que transcorrem na narrativa, podemos agrupar os capítulos da seguinte forma em correspondência com os adornos:

CAPÍTULO	TÍTULO	ADORNO DO ESCUDO
I	<i>O Ensino, o saber e o reconhecimento</i>	O Encontro e o Julgamento
II	<i>A Função docente</i>	
III	<i>O encontro com o mestre ou a autodescoberta</i>	
IV	<i>A ação do mestre e as relações de dependência</i>	Guerra: Discórdia, Tumulto e Morte
V	<i>A marca do mestre ou o desejo do impossível</i>	
VI	<i>Patologia da mestria</i>	
VII	<i>A condição de discípulo</i>	
VIII	<i>A verdade em diálogo</i>	O Amanho da Terra: A cultura das Culturas
IX	<i>O verdadeiro mestre e o verdadeiro discípulo</i>	
X	<i>Pequena sociologia da mestria</i>	
Conclusão	<i>Para uma pedagogia da pedagogia</i>	

No entanto, antes ainda de investigar estas três cenas, vejamos o papel desempenhado pelos *mythemas* do fogo úmido e dos laços presentes na obra de Gusdorf. É interessante verificar como o autor coleta suas citações como pequenas fagulhas crepitantes para o incêndio de sua criação:

*“O problema de uma educação excelente reduz-se primeiramente em fixar, para cada um dos diferentes estados nos quais a sorte nos coloca, a espécie de objetos e idéias de que devemos inculcar nos jovens; e, em segundo, determinar os meios mais seguros para **acender** neles a paixão da glória e da estima.”* (Helvetius, *De l’Esprit* - 1758, Conclusão do Discurso IV, t. II, pp. 223 *apud* Gusdorf, 1987, p.23).

Para que a fagulha aumente seu úmido calor - no fundo herdeiro da brasa adormecida nos secretos vegetais da madeira da árvore - é necessário não apenas a fricção, mas o sopro vivificador:

*“A escola secundária, o colégio, o liceu são lugares privilegiados onde **sopra** o espírito. Esse é um dos pontos nevrálgicos em que se é obrigado a constatar a cruel indigência da civilização pedagógica na França.”* (p. 36)

Sopro dos foles de Hefáisto que os alterna com suas tenazes, martelo e bigorna. Em outra citação, carinhosamente escolhida pela sua vocação personalista, Gusdorf nos revela de onde ressoam os trovões de sua tempestade:

*“Houve tempos em que a vocação específica do educador, do professor, não existia e não era necessário que existisse. Um mestre vivia - fosse **filósofo** ou **ferreiro**; seus companheiros e aprendizes viviam com ele, aprendiam o que lhes ensinava com o seu trabalho manual ou intelectual, mas também aprendiam sem se aperceberem, nem os aprendizes, nem o mestre, o mistério da vida na **pessoa**: o Espírito visitava-os.”* (Martin Buber, *De la fonction éducatrice In: La vie en dialogue*, Aubier, 1959, p. 228 *apud* Gusdorf, 1987, p. 40)

Não é outro o mitologema que consubstancia a narrativa do velho ferreiro coxo senão a constante *têmpera*. Abrasar, derreter, dar forma na bigorna, resfriar, soprar, abrasar:

*“O aluno deve ser treinado a **compor, decompor e recompor** os materiais de que dispõe, graças à mobilização das estruturas formais do pensamento. Tal treinamento faz com que a inteligência predomine sobre a memória pura e simples.”* (p. 42)

Esta ação exige não apenas um professor. *Dédalo* engenhoso, arquétipo do cientista, que vê com inveja o vôo audacioso de seu pupilo *Ícaro*. É preciso ser como o artífice imortal que sopra inclusive a vida para animar suas criações. Segredo e valor feminino que o artífice mortal *Dédalo* desconhece.

*“Mesmo que o professor, atemorizado pelas responsabilidades desproporcionadas, se refugie na rotina, não deixa nunca de ser o **artífice** dessa formação essencial. Queira ou não, o aluno espera dele muito mais do que ele ensina: a exigência espiritual da criança ou do adolescente não se satisfaz apenas com o conteúdo de um tratado ou de um manual.”* (p. 54)

O trabalho das forjas que se entrevê no mitologema da *têmpera* é também o que se exige do discípulo, do aprendiz:

*“Mas a escolaridade não é somente atenção passiva, é também **trabalho, esforço de retomada** e de **síntese, de aplicação.**” (p. 55)*

Pois, é no trabalho que se realizam a obra e o artífice. Em sua obra, todo o processo - *poiésis* - se direcionam à totalidade do Ser. E a totalidade do Ser exige ser liberto numa expressão, pois que repousa como o fogo repousa nas brasas adormecidas à espreita da centelha vivificadora:

*“Uma obra prima é a expressão de um equilíbrio e de um triunfo, ou melhor é o triunfo que se realiza exprimindo-se. O êxito interior, a harmonia íntima significada pela obra é sua mais alta lição. Aquele que recebe a lição do pintor, do músico ou do homem de Estado não tem necessidade de vir a ser também homem de Estado, músico ou pintor. Escolhe vias de expressão, conforme a necessidade. O ponto importante é atingir, de uma forma ou de outra, a **expressão liberadora.**” (p. 71)*

É por isso que o trabalho na obra de Gusdorf não tem o valor negativo dos processos “alienantes”, nem tratado como fator de exploração do homem pelo homem. Ele não ignora esta dimensão: “Face à ‘lei de **ferro**’ do salário” (p. 78). No entanto, a força do mythema é mais forte: “Sinto que trabalhar é viver sem morrer” (R. M. Rilke, *Letras à Rodin*, 14 de agosto de 1902, Émile Paul, 1931, p. 9 *apud* Gusdorf, 1987, p. 72).

Mas o trabalho da forja que, aparentemente, é violento e pesado, apenas realiza no metal o mesmo trabalho das fiandeiras e tecelãs. Aquelas tratam com os frutos vegetais em sua maleabilidade. São mãos femininas que tecem e fiam para os laços, atas, faixas, tapetes e tecidos, vestidos, textura, tessitura e texto. Para o ilustre manco dos Olímpios, com suas mãos pesadas, trata-se de trabalhar o mesmo segredo vegetal no coração obscuro dos metais. Os alquimistas hermesianos bem o sabiam. Os herméticos ciumentos tentavam ludibriar os neófitos sedentos com seus *rebus* labirínticos. No entanto, o trabalho da forja é também enlace e desenlace, combustão e fusão que, através da têmpera, fabrica correntes e anéis, jóias e escudos:

*“O mestre no arranjo de **flores** começa seu ensino **desatando** com precaução o laço que reúne flores e ramos floridos, enrola-o e deixa-o cuidadosamente de lado. Em seguida, após ter examinado durante muito tempo cada ramo separadamente, escolhe as melhores flores, **curvas** com muito cuidado até lhes dar a forma necessária ao fim que as destina e finalmente as coloca num vaso escolhido com requinte. Pode-se dizer, ao contemplar o êxito dessa criação, que o mestre pressentiu o que povoa os **sonhos obscuros da natureza**”. (E. Herrigel, *Le Zen dans l’art chevaleresque du tir à l’arc*, Lyon, 1958, p. 48-49 *apud* Gusdorf, 1987, p. 76).*

Enlace e desenlace que são simbolizados na “aliança”: “Firmou-se uma **aliança** que se justifica pelo reconhecimento de uma finalidade comum. Sem dúvida, esta aliança não é de igual para igual; não comporta a reciprocidade da amizade entre pessoas da mesma idade e da mesma condição. O

*mestre e o discípulo situam-se um e outro em relação a uma mesma verdade”* (pp. 143-144). Simbolizados no “laço”: “A razão aparece aqui como um **laço** e um fundamento.” (p. 139). “Liame” de que é próprio o relacionamento pedagógico autêntico: “*Projetado no plano da abstração pedagógica, o **liame** educador não é mais que o contato de um indivíduo qualquer com outro indivíduo qualquer, um espaço asseptizado, esterilizado, de onde a presença humana foi banida. Estranha aberração que faz da escola um no man’s land! Ora, se não há mestre, não há discípulo.*” (pp. 207-208)

Então, Gusdorf sente-se à vontade para esmiuçar o que é característico no Mestre:

*“Todo mestre também é, num certo sentido, um **mestre artesão** que soube primeiro ganhar-se a si mesmo através de uma conquista metódica. A obra fundamental do homem é ele mesmo e as realizações exteriores são apenas confirmações dessa obra-prima fundamental que para o homem digno desse nome é a edificação de si mesmo.”* (p.77)

Então, neste contexto a técnica é artesã: “A ação do mestre implica normalmente certas condições materiais e técnicas, mas serve-se muito mais delas do que as serve.” (p. 81). Mas, ainda que o artífice seja de um grande primor, ele faz apenas a parte que lhe cabe nesta relação recursiva: “O discípulo nunca está diante do mestre como o **barro** entre as mãos do escultor, ou como um fantoche a que se puxam os cordelinhos. O aluno mais aparentemente submisso ainda escapa ao domínio espiritual. Pois o sentido de uma vida pertence propriamente a esta vida.” (p. 174)

Vida que não deixa de insistentemente nos recordar o calor úmido de sua energia. Muito antes do fogo abrasador que apenas destrói, “*purifica*” e consoma - mytheme típico das estruturas heróicas - é o fogo que habita a alma da árvore e o curso dos rios:

*“é o resultado de um comércio repetido com o que é a própria matéria desse saber, o resultado de uma experiência que com ela se partilha. Subitamente, tal como a luz aparece quando a **chama** irrompe, esse saber produz-se na alma, e alimenta-se sozinho de si próprio.”* (Platão, *Cartas VII* apud Gusdorf, 1987, p. 96)

Não nos basta ignorar os apelos de vida que brotam dos olhos sedentos deste fogo úmido ou ainda nos assenhorar dele tomando-nos apenas a tocha moribunda que consome óleo negro: “À **chama** do aluno, seduzido pela autoridade magistral, corresponde a generosidade do mestre, ou ainda, sua paixão de dominação ou posse. É evidente que cabe ao mais velho, ao mais experimentado, defender-se contra o outro e contra si. É melhor estar avisado desses prolongamentos do que pretender ignorá-los.” (p. 149)

Este fogo úmido das chamas que enlaçam é aquele que resplandece no crepúsculo matutino ou vespertino, incendiando a superfície das águas. Não era o Rio *Oceano*, o que gira eternamente sobre si mesmo ao redor do mundo, o irmão e marido de Tétis, a de pés argênteos, que salvou o nosso

ferreiro coxo da queda do Olimpo sobre a Ilha de Lemnos. Mar e rio da imensidão de concretude líqüida que espalha o incêndio crepuscular da Phoenix sobre o horizonte. Rio e mar de onde brotam peixes e pescadores:

*“O homem mais obscuro, o mais desprezado, pode ser um guia para este ou aquele indivíduo em um momento difícil. Assim Platão Karataiev em Guerra e Paz, de Tolstói, aos olhos do príncipe Pedro, assim o velho **pescador** posto em cena por Hemingway em O Velho e o Mar, e cuja luta desesperada com o gigantesco **peixe** representa para a jovem que o acompanha uma espécie de ensinamento supremo e inesquecível.”* (pp. 174-175)

Símbolo hermesiano por excelência, não nos admira que Gusdorf, movido pelo trajeto mítico de Hefáisto, chegasse às imagens piscianas: *“O jovem Alcebíades compara Sócrates ao **peixe** cujo contato produz uma descarga **elétrica**.”* (p. 170). E tão fiel chega a ser a este trajeto mítico que é levado a associar o campo elétrico à faísca hefaísta:

*“A **faísca**, a descarga só podem gerar-se dentro de um campo elétrico”* (p. 138).

## OS ADORNOS DO ESCUDO DE AQUILES:

### O ENCONTRO E O JULGAMENTO

Depois de termos percorrido alguns mythemes e mitologemas do trajeto mítico de Hefáisto na obra de Gusdorf, retornamos então à seqüência da *Iliada* em que Hefáisto ao fabricar as armas que Tétis havia pedido para seu filho Aquiles. Aqui tentaremos acompanhar os devaneios que nos incitaram a entrever Hefáisto na obra de Gusdorf.

Vejamos a primeira cena ornada no escudo:

*“Nelas cinzelou duas cidades humanas, belas. Em uma havia bodas e festins. Os noivos, de seus aposentos, sob flamantes tochas, eram levados pela cidade, e em toda parte se erguia o himeneu. Giravam jovens dançarinos, em cujo meio se ouviam liras e flautas. As mulheres, em pé, admiravam, cada qual defronte de sua porta. Na praça pública reunira-se a multidão. Ali surgira uma briga. Dois homens altercavam sobre o preço de um homicídio. Um afirmava haver dado tudo e declarava-o diante do povo, o outro dizia nada haver recebido. Os dois invocavam uma testemunha para pôr termo à disputa. A multidão gritava, em parte favorável a um, em parte a outro, ora apoiando um, ora apoiando outro; arautos continham a plebe. Os anciãos estavam sentados em pedras polidas, no círculo sagrado. Empunhavam-lhes os cetros arautos cuja voz faz tremer o ar. Depois tomando-os dos arautos, eles adiantavam-se e emitiam sua*

*opinião, cada qual por sua vez. No meio estavam depositados dois talentos de ouro, para aquele que, entre eles, pronunciasse o julgamento mais reto”.* (pp. 331-332)

Os noivos no casamento são o encontro inaugural de um outro casal que nos interessarão na obra de Gusdorf: mestre e discípulo. Encontro inicial no início das aulas. Fascínio e temor ao transpor os umbrais da escola:

*“Nada é mais justificado do que a angústia infantil nesse instante solene em que, abolidas as antigas seguranças, tem início a **misteriosa aventura do conhecimento**. A criança que entrou na escola, na manhã do primeiro dia de aula, não sairá mais. Ao meio-dia, misturada com seus novos semelhantes, no barulhento tropel da liberação, a criança que entra em casa é **para sempre diferente** daquela que havia saído algumas horas antes (...) A criança, herói obscuro dessa iniciação, refugia-se nas lágrimas.”* (p. 28)

A concha segura da casa dos pais e o desejo de ingressar no mundo dos adultos marcam o paradoxo que a criança vive na passagem para a vida escolar:

*“Aos olhos da criança, os pais são como **deuses** tutelares, onipotentes e oniscientes, cuja benevolência é preciso saber captar por meios apropriados. Mas há um momento em que essa veneração cega dá lugar a uma atitude onde a **crítica** e a perspicácia intervêm pouco a pouco, desacreditando os ídolos de outrora.”* (p. 2)

É preciso a mesma armadilha para a mãe ou pai. Até-los em sua poltrona para que a porta da casa nos leve para a escola, e da escola para a vida.

*“Se quiser liquidar o seu complexo de Édipo, tem que se resignar a **matar o pai**. O filósofo, como o filho em vias de tomar-se homem, deve consumir o crime simbólico, como um **rito de passagem** no caminho da autonomia.”* (p. 128-129)

Estaria a escola à altura dos que esperam estas crianças? Rito de passagem para a autonomia depois de encontrado o mestre iniciador. O primeiro encontro furtivo já sugere noites nupciais:

*“a reciprocidade e o antagonismo do eu e do tu ligam-se e desligam-se na procura de uma unidade que englobe os dois participantes no seio de um **egoísmo** mais ou menos ampliado. Os amantes desejam, clara ou obscuramente, fundir-se um no outro e confundir-se aproveitando a **noite protetora**.”* (p. 143)

Na cena descrita no ornamento do escudo que Hefaiсто fabrica os noivos são saudados em suas bodas com liras e flautas. Elementos dionisíacos que nos levam à noite protetora. Mas Gusdorf, ao tratar das tradições ocultas e do hermetismo, se ergue em gládio sua formação heróica: *“O bom senso nos faz hesitar em tomar esses caminhos perigosos.”* (p. 11). Elegantemente ele já se encontra nestes caminhos.

Além do casamento, há na outra cidade um tumulto onde se estabelece um julgamento. A discussão era sobre preço de um homicídio. Não seria, na obra de Gusdorf, um “*parricídio*”? Tanto o primeiro assassinato simbólico do pai/mãe, como o segundo assassinato necessário: morte do mestre. Mas, para se chegar a isso, o aluno precisa antes continuar sua “*odisséia*”: “*a importância do diálogo do aluno com o professor na odisséia de cada consciência.*” (p. 15), em direção a alguma autonomia para o julgamento de seus próprios mestres.

*“O aluno passa, de especialista em especialista, esforçando-se para conciliar da melhor maneira possível suas exigências contraditórias.”* (p. 50)

Mas, aliado aos problemas internos do relacionamento pedagógico, onde: “*A sabedoria não pode ser adquirida sem custo (...) a literatura socrática **esconde** o pensamento de Sócrates muito mais do que o expõe.*” (p. 10), há um outro componente complicador e evidenciador do descaso da tradição francesa com relação ao ensino. Tradição da qual somos herdeiros fiéis:

*“Nada demonstra melhor a inconsciência francesa dos problemas essenciais ligados ao ensino do que a **pobreza das construções escolares**. Parece que, através dos séculos, os responsáveis pela política cultural só se preocuparam em mandar construir escolas-quartel, colégios-caserna ou universidades-formigueiro, como se o continente fosse perfeitamente indiferente ao conteúdo.”* (pp. 15-16)

Gusdorf, também leitor de Bachelard, sabe bem a importância da *poética do espaço*:

*“A moldura da vida também tem um valor pedagógico; uma moldura medíocre contribui pelo peso da sua própria inércia para o **empobrecimento geral dos espíritos**. Uma arquitetura escolar vulgar sugere um ensino pobre.”* (p. 18)

Pobreza que se reflete no império da lógica aristotélica nos julgamentos e juízos, como se a verdade que buscamos pudesse ser inferida de premissas maiores e menores:

*“[A dialética de Sócrates] comete o erro de pressupor uma lógica do sim e do não, uma lógica intelectualista que **exclui** qualquer terceira posição. É claro que a criança sabe ou não sabe sua lição, mas o princípio do terceiro excluído não se aplica à vida humana no seu conjunto, pois ela se processa no imenso **intervalo** que separa o saber do não-saber. Às palavras de Sócrates opõe-se curiosamente a célebre frase do Jesus pascaliano: ‘Se já não me tivesses encontrado, não me procurarias.’ ”* (pp. 18-19)

Será que procuramos Hefaiсто em Gusdorf porque já o sabíamos em nossa *pré-compreensão*? Esta é uma dúvida mitológica que remetemos para outras instâncias e oportunidade. No momento, fiquemos com o mitologema do *julgamento*, afinal a *têmpera dos metais* tempera também os juízos:

*“A promoção de todos os espíritos ao mesmo grau superior de conhecimento é um sonho (...) O que pode parecer ‘robinsonismo’ utópico, uma espécie de aristocratismo latente, não deixa de se apresentar como mito que alcança a sua própria essência da realidade. Mesmo num ensino de*

*massa, e por mais confusas que sejam as relações que o constituem, a educação permanece algo **pessoal**, um colóquio singular e intermitente: no seio da massa coletiva se estabelece uma espécie de confrontação entre o aluno isolado e aquele ou aqueles entre os professores nos quais **reconheceu** superioridade.” (pp. 19-20)*

O que dificulta ao aluno temperar os seus instrumentos para o julgamento de seus próprios mestres são os anciãos petrificados pela pedagogia metódica e “objetiva” que tratam de medianos irreais em direção à mediocridade:

*“Podemos mesmo perguntar se a pedagogia metódica e objetiva não constitui uma espécie de miragem e álibi para aqueles que se recusam a tomar consciência da situação real. O professor infeliz incrimina os programas e os métodos; aquele que triunfa, atribui o sucesso às técnicas e processos que utiliza. Ora, os sistemas pedagógicos são sistemas elaborados, sem dúvida, em função do pressuposto de um professor de qualidade **mediana**, trabalhando com uma classe de nível **mediano**.” (p. 30)*

Porém é possível identificar no *círculo sagrado*, um outro ancião, justamente aquele que nos exercita o julgamento, mesmo que seja para num futuro próximo, matá-lo:

*“lembro-me de um ou outro professor (...) alguns ainda continuam vivos e presentes em mim: a personalidade deles marcou-me porque **discutimos**, nos **enfrentamos**, nos **estimamos** e, sem dúvida, secretamente, nos **amamos**. Vivos ou mortos, por mais longe que estejam, viverão em mim até minha morte (...) Escutávamos o professor, mas, através dele, era o mestre que **espreitávamos**.” (p. 34)*

Então, no interior da escola secundária onde os professores são mais numerosos e desfilam à frente do aluno desejoso de ser mais que aluno, ser discípulo, o tipo original (*arché-tipo*) que consubstancia a professora primária serve de parâmetro:

*“Esta divisão do trabalho intelectual consagra uma espécie de decadência do mestre absoluto, cujo **arquétipo** reinava sobre a **escola primária** (...) há os bons professores, os menos bons e os maus. E mesmo os bons, pela própria comparação, apresentam lacunas e falhas nesse ou naquele ponto particular. Pouco a pouco, o espírito crítico se insinua e o adolescente ganha uma certa distância. Exerce a autonomia de seu **julgamento**.” (pp. 35-36)*

Tal exercício seja a termo, se a vida escolar for “benevolente”, na graduação:

*“Toma-se, então, capaz de **julgar seu professor** e, se necessário, de **desafiá-lo**. Na faculdade, os diversos professores podem ser comparados uns com os outros; pode-se escolher certos cursos e desprezar outros (...) O professor universitário é o último tutor, a última ligação segura antes da solidão da vida onde cada um tem que assumir suas próprias responsabilidades.” (p. 39)*

Ali fica mais claro o fato de que: “O professor **julga** seu saber; e, muitas vezes, é **julgado** por ele.” (p. 54). Gusdorf elenca como exemplos de discípulos que se tornaram mestres e, justamente, por isso, conseguiram não mais do que a incompreensão de seu tempo. São sementes para as gerações futuras:

*“Kierkegaard, Schopenhauer, Sócrates ou Nietzsche apoiam-se na incompreensão quase geral. Mestres não reconhecidos por sua geração, serão mestres das **gerações futuras**. A graça da falta de êxito não é dada a todas as pessoas e, aliás, o malogro também não constitui um sinal de gênio. Não basta ser ignorado para ser genial: a verdade é outra.”* (p. 100)

Finalizando esta primeira cena do escudo de Hefaiсто, sabemos que há *dois talentos de ouro* para aquele que pronunciasse um julgamento mais reto. Este julgamento é feito justamente no seio da multidão. Gusdorf afirma então que:

*“O erro da pedagogia usual é de se ater à aparência macroscópica do professor que se confronta com sua classe; a pedagogia verdadeira, à imagem da física contemporânea, teria de passar ao plano microscópico; em lugar de considerar a média estatística, aplicar-se-ia aos dados individuais primários. Uma classe de trinta alunos, tal como de passagem a observa um inspetor, é apenas a resultante de trinta **diálogos simultâneos**, sendo que cada um tem seu próprio **sentido e valor**.”* (p. 159)

## A GUERRA: DISCÓRDIA, TUMULTO E MORTE

Na descrição da segunda cena, no segundo círculo, que orna o esperado escudo de Aquiles, vemos:

*“Em torno da outra cidade acampavam dois exércitos, brilhantes sob as armas. A alternativa aceita e oferecida pelos sitiados era destruir a cidade ou dividir pela metade todos os bens encerrados na belíssima cidade. Mas os sitiados ainda não cediam e, preparando-se para uma emboscada, armavam-se em secreto. A muralha era defendida pelas mulheres, pelas crianças e pelos velhos. Os outros marchavam, capitaneados por Ares e Palas Atena, ambos de ouro e vestidos ouro, belos e grandes com as armas, como deuses, e perfeitamente reconhecíveis: os soldados, abaixo, eram menores. Chegados ao sítio apropriado à emboscada, no leito do rio que servia de bebedouro a todos os rebanhos, lá se postaram, cobertos de bronze chamejante. À distância da tropa havia dois espias, esperando ver os carneiros e bois de recurvos cornos, que não tardaram em surgir diante deles, seguidos de dois zagais, entretidos em tocar a sírinx, inteiramente alheios à cilada. Vendo-os, correram sobre eles os homens escondidos. Rápidos,*

*cortaram e cercaram as manadas de bois e os belos rebanhos de alvos carneiros, e mataram os pastores.*

*Ouvindo o grande alarido feito em torno dos bois, à frente do local em que estavam reunidos, os sitiantes montaram imediatamente nos carros de cavalos campeadores, para lá se dirigiram e lá chegaram num abrir e fechar de olhos. Tomando posição, travavam batalha nas margens do rio; e os combatentes golpeavam-se uns aos outros, com os piques de bronze. A eles se mesclavam a Discórdia, e o Tumulto, e a Divindade funesta da morte, que segurava um homem vivo, mas recém-ferido, outro ileso e outro morto que, através da refrega, arrastava pelos pés. Tinha as vestes, nos ombros, vermelhas do sangue dos homens. Esses personagens agitavam-se como homens vivos; combatiam, arrastavam para si os cadáveres uns dos outros.”* <sup>19</sup>

Esta batalha travada contra os camponeses é a batalha interna daquele que se aventura no caminho difícil de ser mestre. De ser artífice de seu próprio destino. Daí o fato de ser *capitaneados* por Ares (deus da guerra) e Athená (deusa da sabedoria e também guerreira). Em meio às emboscadas e espias, saques e mortes; pastores tocam sua *syrix* (flauta de Pã) indiferentes. Mas, é chegada a hora do combate e não nos é permitido fugir do campo. A Discórdia, o Tumulto e a Morte adentram as muralhas defendidas pelos noturnos: mulheres, crianças e velhos. Um herói desconhecido e ileso carrega outro morto. E há também um recém-ferido. Qual deles seremos? O ileso, o recém-ferido ou o morto?

Neste momento de sua obra, Gusdorf enfatiza justamente o combate que passa a existir entre os espíritos: mestre e discípulo, em suas construções recíprocas. Condena abertamente as manobras de *invisibilidade* do mestre que nos chegam do maiuêutico-mor: “*Sócrates não engana ninguém ao tentar tomar-se invisível*” (p. 6). Para Gusdorf é preciso assumir o papel sem estratégias subliminares, pois a necessidade do mestre é real:

*“Mas, se abandonamos o ponto de vista de quem ensina, para adotar o de quem é ensinado, fica claro que a aquisição de um saber só tem sentido como preparação para a experiência futura (...) um saber novo, correspondente, para cada indivíduo, a uma inscrição no **passado**, no depósito sedimentar das tentativas, dos erros e das conquistas da vida.”* (p. 14)

A pedagogia oficial continua ignorando esta necessidade, pois “*Os técnicos preocupam-se incessantemente em reformar os programas, sem desconfiarem de que os programas não são tudo e que **não contém o essencial**.*” (p. 15). O exemplo mais grasso desde combate entre a mediocridade e a sede do espírito pela Cultura se dá, na França, segundo Gusdorf, no ensino de Filosofia no colégio:

---

<sup>19</sup> Homero, *Iliada*, 1961, pp. 332-333.

*“A propaganda contra o ano de filosofia, honra de nosso sistema tão deficiente, representa uma das formas contemporâneas do **obscurantismo triunfante**. Entretanto, o professor de filosofia continua a ser, na tradição francesa, um dos tipos mais acabados de mestre.”* (p. 39)

Gusdorf empunha o martelo vigoroso, às vezes à maneira de Nietzsche, forjando armas contra essa mediocridade mobilizada em regimentos e exércitos ávidos em saquear o campo fértil da cultura:

*“Há uma tristeza congênita ao bom aluno [que é somente um bom aluno], ao aluno médio que continuará medíocre por toda a vida, como há também uma **mediocridade** do professor médio que representa o pequeno burguês.”* (p. 42)

Elenca exemplos desta mobilização: *“Cousin dizia que os professores de filosofia formavam o seu **regimento**. Mas o coronel desse regimento era marechal da França”* (Jules Simon, Victor Cousin, Hachette, 1887, p.81 *apud* Gusdorf, 1987, p. 104). Mesmo aqui, ainda contrargumenta pela sua própria experiência como oficial, utilizando - já não mais com surpresa para nós - uma imagem hefaísta, o laço:

*“Também o coronel nos faz rir quando pretende ser o pai do regimento. Não é o pai, mas também não é patrão. Entre o oficial e o soldado, o **laço** de hierarquia militar conduz os subordinados à obediência, mas a disciplina não é uma escravidão e exclui, por parte daquele que comanda, qualquer idéia de proveito pessoal direto. De resto, esse laço tem um sentido duplo, pois aquele que comanda está subordinado a um comando mais elevado.”* (pp. 78-79)

Mas, os espias estão lá para preparar o saque e vilipêndio do tesouro arado na terra da cultura. Estratégias, infelizmente, banais no cotidiano universitário, onde o julgamento se degrada em *“julgar a flexibilidade de sua **coluna vertebral**”* (André Weil *apud* Gusdorf, p. 108):

*“Assim se abre a possibilidade de uma espécie de geografia humana da vida intelectual e universitária, ou de uma economia política em que se destacariam os feixes dos sistemas de influência e lugares de segurança que confeririam o controle de um espaço epistemológico determinado. Os postos-chaves serão, neste caso, as cátedras na Sorbonne, a Inspeção Geral, as direções de trabalhos, as presidências de júri de doutoramento ou licenciaturas, as comissões oficiais do Ministério e do centro Nacional da Investigação Científica, as grandes revistas, a atribuição de subvenções, as diversas Academias... Uma sábia **estratégia**, fatores oportunos, ajudam a progredir pouco a pouco nos fins e meios desta seleção artificial que permite primeiro uma afirmação e depois a duração até uma idade avançada. Ora, são geralmente os **mediócras** que travam essa batalha com mais paixão e tenacidade. Os melhores nem sempre estarão isentos de certos compromissos com o sistema, mas têm outras coisas a fazer e o seu trabalho, sua ocupação de predileção os absorve (...) [os outros] gastam paciência e habilidade em abundância para conquistar essa espécie de título de nobreza intelectual. Existindo um corpo que se recruta por cooptação, o problema consiste em obter um lugar, conquistando votos.”* (p. 107)

Por isso, a mediocridade se converte num dos piores inimigos do espírito: “O *artificialismo pedagógico* só triunfa sobre os mediocres; os melhores refugiar-se-ão na **revolta** que é a única atitude possível frente ao *narcisismo magistral*.” (p. 173)

Mecanismos burocráticos e mascaradamente legítimos sob a capa da legalidade asseguram a ausência de espíritos críticos. Não há diálogo porque não há discordantes. Só há consenso: “As *personalidades já colocadas têm tendência a dificultar a ascensão daqueles que possam vir a ser para eles rivais perigosos, suscetíveis de eclipsar sua própria e legítima glória*. Assim, se favorece a *mediocridade reconhecida, da qual nada se teme e que, pelo contrário, destacará, por sua nulidade, o valor dos colegas*.” (p. 109)

Estes mesmos mecanismos das emboscadas ao valor e à autenticidade são combatidos pelos que não se conformam com o estado de coisas, e mesmo assim, vão sendo deslizados para o interior da relação pedagógica: “Os *bons alunos de Hegel, simples repetidores do espírito absoluto, definido pelo mestre absoluto, ao qual seria inútil pretender ajuntar o que quer que fosse*. Mas os melhores alunos de Hegel acabaram por se levantar **contra o ídolo**, encontrando sua própria verdade na denúncia de qualquer pretensão totalitária à verdade” (p.103) . Kierkegaard, Marx e Feuerbach serão alguns destes “*maus*” alunos que se insurgem contra a verdade absoluta personificada no mestre absoluto, mas que marca para sempre o destino de ambos, mestre e discípulo:

“Dois homens se **defrontam**, numa relação desigual, dois caracteres, dois temperamentos que se conciliam melhor ou pior. Mas uma aventura mais secreta se dá, como em filigrana, ao longo dessa história episódica. Aquele que encontrou seu mestre acha-se por ele conduzido por um caminho **iniciático** em direção da conquista de sua própria vocação. O confronto de homem a homem, o defrontar feliz ou infeliz entre duas personalidades esconde essa aventura mais secreta em que cada qual faz face a seu difícil **destino**.” (p. 73)

Gusdorf ainda nos diz daquele particular fenômeno que intervém na sala de aula como que para dar legitimidade ao mestre que não é digno do título:

“O fenômeno escolar do aluno favorito é sem dúvida um aspecto freqüente desse revés pedagógico. O professor escolhe um discípulo de eleição, bom aluno escolhido por sua **docilidade** e pela admiração não dissimulada que dedica ao mestre (...) O **mito de Pigmalião** ilustra perfeitamente este desvio pedagógico. O narcisismo professoral compraz-se em criar uma imagem do bom aluno, uma estátua, um títere (...) rende uma justa homenagem a seus próprios talentos.” (p. 167).

Será este o espia que recitará a lição do escravizador de almas: “O aluno assiste à lição com uma presença inteiramente lógica; só os seus ouvidos estão atentos, o resto de sua personalidade

*ficou no vestiário. O mestre 'dá' sua aula, o aluno 'estuda' sua lição; e no dia do exame, será capaz de recitá-la como a ouviu.*" (p. 147). No entanto, a revolta dos insurgentes atestam também a dependência que há entre o mestre indigno e o discípulo órfão: *"A própria exasperação da revolta só faz surgir melhor o caráter indelével do laço de dependência. A hereditariedade espiritual continua presente na constituição do aluno, do mesmo modo que a hereditariedade genética se lhe impõe."* (p. 131). Não será o próprio Marx que substituirá o absoluto da história de Hegel pelo absoluto da ditadura do proletariado? Para o mestre os céus estavam no estado Prussiano, para o aluno, no Socialismo Real.

É o indigno mestre que possibilita o indigno discípulo: *"Aquele que pretende imitar o mestre, na realidade, não o imita, mas afasta-se dele, pois o mestre não imita ninguém. No espelho deformador do discípulo, o mestre só pode ver-se com horror."* (p. 169). *"O mau professor contenta-se em captar a benevolência dos jovens que domina: escraviza-os, em vez de libertá-los."* (p. 65).

Porém, diante do verdadeiro mestre, também é preciso combater, pois muitas vezes só podemos aprender a verdadeira lição ao ultrapassá-lo. E se o fazemos é porque aprendemos bem com o próprio mestre: *"Descartes é, para Malebranche, mais um obstáculo a transpor do que um caminho a seguir. Mas a função do mestre é justamente a de propor ao discípulo a pedra de toque que lhe convém."* (p. 64). Ou ainda, o aluno relapso não tardará em reconhecer a superioridade inalcançável do mestre, como o que acontece com *"Alcebiades, o mau aluno, que confessa francamente sua má consciência diante de Sócrates, revela muito bem essa fascinação sagrada, essa mistura de atração e repulsa que caracteriza a atitude do discípulo em relação àquele que lhe tornou sensíveis a dignidade e a indignidade de sua condição. O encontro com o mestre consagra um novo questionamento da existência."* (p. 61).

Mas, há algo mais neste combate desenhado por Hefaiсто. Há um herói desconhecido e ileso, outro recém-ferido e outro morto. Não serão os resultados de um combate mais profundo. O mestre contra a sua própria sombra? Gusdorf nos lembra sorratamente em meio a seu texto: *"Se quiser esquivar-se de influências que constituem ameaças para sua vocação, irá se condenar a uma perpétua fuga diante de sua sombra. E a sombra acabará por devorar o homem real."* (p. 101). E mais à frente retorna num aforismo breve e ressonante: *"Todo mestre reconhecido traz em si a sombra de um potentado"* (p. 105).

Esta luta contra si mesmo é a divisa que norteia a fala aparentemente tranqüila do mestre. Seu silêncio está repleto de corpos mortos sobre o campo de sua batalha interna. Uma bandeira tremula ao vento esperando ser dada a um aluno digno. No entanto, mesmo esta entrega simbólica se dá no mais puro silêncio. O sumo artífice não discursa tratados sobre a metalurgia. Ensina pelo trabalho, faz, cria,

forja-se... Tens Cíclopes como aprendizes. Para manejar as tenazes é preciso ser tenaz. Para levantar o martelo são precisos braços fortes. É preciso movimento e graça, ritmo e persistência para extrair deste trabalho árduo, a música que tempera os metais, o fogo sagrado que funde, o sopro dos foles bóreos que aumentam as chamas. Não se trata dos raios heróicos de Zeus que mutilam e queimam nem do fogo prometeico roubado e ofertado aos mortais.

No entanto, o martelo do ferreiro parece fazer da bigorna e dos metais, a têmpera do próprio forjador. Este outro “*com-bate*”, afinal o martelo bate, se dá no interior do próprio mestre, na tentação heróica de deixar de forjar e sendo apenas um mestre “*forjado*”:

*“Clássico ou romântico, o mestre tem em si próprio o seu melhor **inimigo** (...) O mestre é um mestre para os outros; se é um mestre autêntico, não tem ilusões a seu respeito. Essa dúvida invencível e essa inquietação serão para ele um último recurso, um remédio para a tentação de cair na sua própria armadilha.”* (p. 89)

Gusdorf vai busca em Goethe a confissão íntima do mestre: “**Luto** com o anjo desconhecido até a exaustão; nenhum homem pode imaginar os **combates** que tenho que travar para produzir o pouco que produzo.” (Goethe, *Conversations avec Eckermann*, N.R.F., pp. 52-53 *apud* Gusdorf, 88). E acrescenta mais à frente que: “*Aquele que **luta** solitário pela vida espiritual, a partir do momento em que a aprovação e o êxito venham consagrar o seu empreendimento, corre o **risco** de perder a partida no mesmo instante em que julga tê-la ganho.*”(p. 99).

Daí ser legítimo ao discípulo aprender as armas necessárias para lutar contra si mesmo na trajetória mítica de ser mestre. Técnica e autodomínio. Em última análise, conhecer a si próprio. Gusdorf buscará o exemplo disso de forma significativa no manancial oriental dos crepúsculos matinais, onde se contrapõe a esgrima (arte heróica das espadas) ao arco (arte dramática), além do seu complemento no forjador feminino do *Ikebana*:

*“Um alemão, durante sua estadia no Japão e desejando iniciar-se na própria essência da cultura local, decidiu aprender, dirigido por um mestre, a manejar o arco e as flechas, disciplina ritual do Japão tradicional (...) O narrador escolheu o **arco, em vez da esgrima**, por exemplo, porque já era bom atirador com espingarda e pistola. Imaginava erradamente que teria maior facilidade. Ao mesmo tempo, sua mulher começou a se dedicar à **composição floral** e ao desenho a nanquim, outras disciplinas tradicionais. Cada uma dessas matérias é especificamente diferente das outras, mas a intenção é idêntica em todas elas. Trata-se de adquirir, por um difícil e muito lento trabalho, que envolve vários anos, o domínio de uma técnica e ao mesmo tempo um **autodomínio** (...) ‘Hoje, como antigamente, o manejo do arco continua sendo um **combate de vida ou morte**, na medida em que é um combate do arqueiro contra si*

mesmo” (E. Herrigel, *Le Zen dans l'art chevaleresque du tir à l'arc*, Lyon, 1958, p. 13 *apud* Gusdorf, 1987, p. 46).

Este contraponto com a arte heróica da esgrima é recorrente na seguinte passagem sobre a necessidade do iniciador espiritual: “O encontro frente a frente sobre temas impostos pelo calendário escolar é apenas a máscara desse outro encontro mais secreto, de caráter quase **iniciático** (...) O mestre, super-homem por sua função, surge como um **arquétipo** das possibilidades humanas (...) Por isso, pouco importa que o professor ensine **esgrima** ou matemática.” (p. 56).

Esta batalha interna do mestre salta aos olhos quando ele a perde. E então, só nos resta a compaixão pela figura frágua que tenta se endireitar em meios aos redemoinhos da recusa geral:

“A algazarra representa seguramente um dos pontos nevrálgicos da realidade escolar, embora as diversas pedagogias pareçam fazer questão de ignorá-la. Estamos aqui num domínio de completa irracionalidade, em que as técnicas, as receitas da profissão parecem inteiramente inoperantes (...) O barulho, os gritos da classe que se insubordina confirmam a necessidade fundamental do diálogo: o professor não pode se fazer ouvir; a classe recusa a escutar, recusa a palavra do mestre porque o acha **indigno de tomar a palavra** (...) O professor que é vítima da algazarra, quando entra na sala, já **perdeu** a partida antes de ter aberto a boca, antes mesmo de ter aberto a porta.” (pp. 151-152).

Os doutos e administradores da vida escolar não se dão conta desta realidade última que funda uma relação pedagógica: há alguém querendo se iniciar e há um iniciador disposto em iniciá-lo em seu próprio caminho. Não no caminho do mestre. Mas no caminho do discípulo de ser mestre dele mesmo. Com os olhos fechado à esta realidade:

“O pedagogo transforma a sua classe numa **oficina** que trabalha com vista a um rendimento; ele mantém a sua boa consciência à custa de gráficos e de estatísticas sabiamente dosadas e cheias de promessas. Em seu universo milimetrado, passa, a seus próprios olhos, por **feiticeiro laico** e obrigatório, manipulador de inteligências sem rosto.” (p. 208).

Queiramos ou não, este arquétipo da construção humana que atravessou milênios espreita entre as carteiras alinhadas e o quadro negro, que façamos algo mais do que o simples cumprimento de um programa de um currículo engavetado, cumprindo fielmente o horário estipulado para essas licenças existenciais:

“O professor de matemática ensina matemática, mas também ensina a verdade humana, mesmo que não a ensine; o professor de história ou de latim ensina história ou latim, mas ensina a verdade, mesmo que julgue que a administração **não o paga para isso**. Ninguém se ocupa da formação **espiritual**; mas todas as pessoas se ocupam dela, mesmo aquele que não se ocupa dela.” (p. 54).

A batalha externa contra a mediocridade talvez chegue a um termo. O combate interno não. É próprio do ferreiro o suor da frente e os calos na mão, o andar coxo com seu bordão sob os risos dos heróicos e a desconfiança dos místicos. Gusdorf o sabia:

*“Tomamo-nos mestres no dia em que descobrimos que já **não há mestres**. Houve, é certo, heróis, pensadores, gênios e santos. Mas, apesar de suas auréolas, aparecem como homens que, longe de possuírem a verdade, lutaram pela verdade, ou melhor, **contra ela**. Fizeram o que puderam, cada um por seu lado. E essa partida que **travaram** até o fim, sem saber se a ganharam ou perderam, é que é preciso hoje voltar a travá-la, cada um para si, numa incerteza idêntica (...) Aqui, cada um se encontra só, com o risco de sua vida. E o mestre, para ganhar sua vida, tem que antes aceitar **perdê-la**.”* (p. 87)

A batalha externa pode fazer suas vítimas. A galeria da humanidade está repleta deles: “O escândalo é inevitável: Protágoras é obrigado a exilar-se em 416, e Sócrates morrerá em 399 por ter corrompido a juventude e questionado os deuses tradicionais. Os primeiros professores são também os **mártires** da função docente. Devem pagar o preço da revolução pedagógica de que se fizeram campeões.” (p. 187).

Mas o combate interno jamais cessará. Por isso, na cena de Hefáisto no segundo círculo encerra-se com o desconhecido personagem recém-ferido nas mãos da morte, enquanto o ileso com suas vestes vermelhas do sangue dos combatentes arrasta o morto. Arrasta a sua sombra.

Este combate tem apenas começo. Não possui final. Gusdorf nos sugere a bela imagem do seu começo:

*“O adolescente Xenofonte encontra-se com o mestre, que com o **bordão** lhe impede o caminho. Não pode continuar: irá renunciar a seu impulso pessoal que o levava à aventura. Daí para frente e por toda a sua vida, estará ligado ao mestre que, ao impor-lhe essa mudança de direção - essa conversão, no sentido próprio do termo - lhe revelou o sentido de seu próprio destino.”* (p. 60).



## CULTURA DAS CULTURAS:

### O AMANHO DA TERRA

O terceiro e último círculo do escudo de Hefáisto só poderia ser o mais rico em detalhes, evidenciado suas raízes vegetais. É uma cena pastoral onde vários elementos surgem:

*“Hefáisto punha também no escudo um alqueive branco, gorda terra de laborar, extensa, que suportava três amanhos. Muitos lavradores faziam girar as parelhas de bois, e as levavam para cá e para lá. Quando, tendo feito meia volta, voltavam ao limite do campo, tomavam uma taça de vinho doce como mel, oferecida por um homem que se adiantava. E volviam ao sulco, ansiosos por chegar ao limite do profundo alqueive, que escurecia atrás deles, semelhante terra lavrada, embora fosse de ouro. E esse trabalho era um maravilhoso primor.*

*Hefáisto aí esculpiu também um reguengo, onde ceifeiros ceifavam, empunhando aguçadas foices. Das gavelas, ao longo do sulco, abundantes, umas caíam na terra; as outras eram amarradas por enfeixadores com atilhos. Três enfeixadores havia lá; atrás deles, apanhando as gavelas e carregando-as nos braços, crianças forneciam-lhas sem cessar. Entre eles, em silêncio, empunhando o cetro, estava o rei em pé, num sulco, com o coração alegre. Arautos, mais adiante, debaixo de um carvalho, ocupavam-se do repasto. Tendo sacrificado uma grande rês, preparavam-na; e as mulheres, para o jantar dos trabalhadores, despejavam muita farinha branca.*

*Hefáisto nelas tracejou também, todo carregado de uvas, formoso vinhedo dourado; uvas negras campeavam no alto das cepas, em toda parte sustentadas por tanchões de prata. Em torno, traçou um fosso de metal azul-escuro e, em toda a extensão, uma barreira de estanho, à qual se chegava por um atalho único, que seguiam os moços de frete, nas vindimas.*

*Moças e rapazes, cheios de ternos sentimentos, carregavam nas cestas trançadas o fruto doce como mel. No meio deles, uma criança dedilhando a citara de som claro, tocava com muita graça e, acompanhando-se da música, entoava, com voz meiga, formoso hino. Os outros, ferindo o solo ao mesmo tempo, seguiam a cadência do canto e da meiga voz com os pés dançarinos.*

*Hefáisto lavrou no escudo uma manada de vacas de cornos retos. Essas vacas eram de ouro e de estanho; mugindo, atiravam-se do curral ao pasto, ao pé de ressoante rio, perto de flexíveis caniços. Pastores de ouro acompanhavam-nas; eram quatro, seguidos de nove cães de ágeis pés. Terríveis, dois leões, no meio das primeiras vacas, agarravam um touro que mugia. Este, com longos bramidos, era arrastado; os cães e os rapazes perseguiam os dois leões, que, tendo rasgado a pele do grande boi, lhe devoravam as entranhas e o sangue negro. Os pastores em*

vão os perseguiram, excitando os rápidos rafeiros. A morder os leões os cães se recusavam; mas, perto deles, latiam, evitando-os.

Hefaisto, o coxo ilustre, desenhou ainda um pasto em formoso vale, extenso pasto de alvas ovelhas, com estábulos, tendas cobertas e redís.

Nele colocou o ilustre coxo um côro variado, semelhante àquele que, outrora, na vasta Cnosso, Dédalo executou para Ariadna de formosos cachos<sup>20</sup>. Nele, moças e rapazes que valiam muitos bois dançavam de mãos dadas. Elas trajavam vestidos de tela fina; e eles vestiam túnicas bem cosidas, que brilhavam com o suave brilho do óleo; elas traziam belas coroas, e eles, punhais de ouro suspensos em boldriés de prata. Ora corriam à roda, com os adestrados pés, com suma facilidade, como quando, tendo uma roda cômoda nas mãos, o oleiro, sentado, experimenta-a para ver se gira bem; ora, ao contrário, corriam alinhados uns para os outros. Uma multidão cercava, prazenteira, o côro encantador. Entre os bailarinos cantava um divino aedo, que dedilhava a cítara, e dois pelotiqueiros, cujo ritmo era marcado pelo canto, rodopiavam no meio.

Hefaisto colocou ainda Sua Grande Força o rio Oceano no bordo extremo do escudo solidamente construído.

E depois de haver forjado o escudo grande e robusto, fabricou para Aquiles uma couraça, mais brilhante que o esplendor do fogo; fabricou-lhe espesso capacete, adaptado às têmeoras, belo, feito com arte, encimando-o de um penacho de ouro; e fabricou-lhe cnêmides, com o estanho que se modela bem.

Quando o exímio ferreiro de braços robustos forjou todas as armas, tendo-as pegado, colocou-as diante da mãe de Aquiles. Ela, qual milhafre, saltou do nevoso Olimpo, sobraçando as armas faiscantes da casa de Hefaisto”.<sup>21</sup>

A riqueza de elementos aqui poderiam sugerir um tratado imaginário sobre os valores vegetais. No entanto, nos limites de uma acanhada tentativa de mitocrítica, só poderíamos indicar algumas imagens que se articulam com o trajeto mítico de Hefaisto e suas relações com a obra de Georges Gusdorf. Não é de estranhar que na parte final de seu livro, o autor tenha se detido (salvo a *Pequena Sociologia da Mestria*) na verdade: seja ela em diálogo, seja no verdadeiro mestre e no verdadeiro discípulo, com o singelo apelo de uma *pedagogia da pedagogia*. Aqui Gusdorf amanha a terra que antes revoltara com seu arado, devidamente forjado por Hefaisto, no encontro e no julgamento e, principalmente, na guerra e no combate.

---

<sup>20</sup> A filha do rei de Creta, Ariadna, que amava Teseu, deu-lhe um fio para guiar-se no Labirinto. Teseu matou o Minotauro e libertou-lhe as vítimas, quatorze moças e rapazes. Onde a instituição de um côro cuja dança reproduzia talvez os rodeios de Teseu e das vítimas libertadas no Labirinto. Dédalo, construtor do Labirinto e inventor da escultura, fizera, a crermos nesses versos, em Cnosso, para Ariadna, um baixo-relevo que representava o côro (nota do trad.)

<sup>21</sup> Homero, *Iliada*, 1961, pp. 333-335.

Homero nos começa a descrever a cena pastoral com a *gorda terra de laborar*. Diria Gusdorf sem rodeios: “A palavra cultura revela aqui as **raízes campestres**; evoca uma vida e uma **paisagem**.” (p. 154). A referência aos sulcos e aos ceifeiros enquanto as parelhas de bois vão daqui para lá, nos atestam esta *cultura* necessária. Da terra para a planta, seu fruto primeiro, é o movimento natural de deslizamento das imagens: as vindimas, o formoso vinhedo dourado, o carvalho. Destas para a bebida sagrada: a taça de vinho doce como mel. Tudo é verde e ao mesmo tempo dourado. Sem dúvida a paisagem é crepuscular, pois concilia as imagens vegetais, animais, minerais e antropomórficas.

A parilha de bois no cultivo da terra, a manada de vacas de cornos retos, as ovelhas hermesianas, dois terríveis leões que devoram um touro de sangue negro e que mugia, e cachorros que latiam recusando-se a morder os leões. Lembrando-nos da forte influência oriental que ingressa no mundo helênico, a referência ao touro devorado pelos leões (assírios) é relativa ao culto de Mithra e sua saga vegetal, muito embora representado como um touro sob um nascente. Provavelmente os cães possam apenas ladrar. Fiéis companheiros do homem, é o próprio espírito grego.

Os minerais em clara articulação com o forjador que cria a cena aparecem no *fosso de metal azul-escuro*, a barreira de estanho, as vacas de ouro e estanho, belas coroas e punhais de ouro suspensos em boldriéis de prata. O forjador se projeta no oleiro que, sentado, testa sua roda cômoda para ver se gira bem. Podemos identificar também os mitologemas do atar e desatar nas gavelas amarradas por enfeixadores, cestas trançadas, tecidos de tela fina, túnicas bem cosidas e os formosos cachos de Ariadne - a mesma que com seu fio salvou Teseu do Labirinto. Não é o próprio Gusdorf que repentinamente saca de seu museu imaginário a seguinte imagem?

*“Enquanto tal revolução copernicana não acontece, o diálogo do mestre e do discípulo, esse jogo de esconde-esconde, onde as personalidades se procuram e se defrontam através do **labirinto** das instituições, continua sendo um dos únicos recursos para uma pedagogia autêntica.”* (p. 37).

As imagens antropomórficas são reveladoras do movimento cíclico e rítmico que impregna toda a cena: a criança dedilhando sua cítara, os pés dançarinos, um ressoante rio, o côro que dançava e entoava um divino aedo, moças e rapazes que corriam à roda, o ritmo marcado pelos pelotiqueiros que rodopiavam no meio. Ao final o próprio rio *Oceano*, aquele que volteia o mundo e de onde provém a Grande Força Ígnea de Hefaiсто, é ornado no bordo extremo do escudo.

Uma imagem ainda nos será de grande valia para este amanhã da terra através da Cultura. Num dos sulcos feitos na terra, de pé mas em silêncio, o rei com seu cetro está com o coração alegre. Será o mestre no final de sua própria odisséia quando o discípulo já se tornou ele próprio um outro mestre? Seu coração está alegre. E jaz em pé no sulco da terra.

*“o melhor mestre não é aquele que se impõe, que se afirma como dominador do espaço mental, mas, ao contrário, o que se toma aluno de seu aluno, aquele que se esforça para acordar uma consciência ignorante de si mesma (...) Só aguardavam, para virem à consciência, a invocação do encantador.”* (p. 5-6).

Georges Gusdorf rasga elogios vegetais aos ambientes escolares e universitários em outros locais da Europa aos quais contrapõe a pobreza arquitetônica francesa em matéria de instituições de ensino. Sobre Cambridge: diz ser um *“maravilhoso conjunto de pedra, céu, verde, flores e água”* (p. 16). Na Alemanha: *“pode-se andar à vontade: o campo e os pinheiros da floresta estão a dois passos.”* (p. 17). Chega mesmo a afirmar que: *“Os grandes estabelecimentos aglomeram-se nas cidades, quando deveriam se situar, livres de qualquer espírito de concentração, no **campo**.”* (p. 37).

Em outro trecho nos diz que em *Guerra e Paz*, de Tolstói, quando da ocupação de Moscou pelos exércitos de Napoleão, o príncipe Pedro Bezukhov encontra um soldado **camponês** muito pobre, Platão Karataiev. O mestre mais imprevisível estava ali: *“manteve a paz de espírito e de sentimentos apesar da desumanidade da guerra. Certamente, o pobre Platocha nunca suspeitou da mestria que tinha, e que desfiava todas as hierarquias sociais e intelectuais”* (pp. 82-83).

Poderíamos dizer que são *reminiscências* de sua infância campestre? Não sei se nasceu numa marina ou numa fazenda. Não nos importa aqui a biografia do autor nem os as suas sessões terapêuticas nem as fofocas literárias de seus contemporâneos sobre sua forma de ser. Aqui nos interessa tão unicamente o seu texto. E acompanhando a trajetória que julgamos animar as imagens utilizadas e emergidas de seu subterrâneo vulcânico, a recorrência vegetal é forte. Principalmente quando busca outras fontes para liberar suas próprias imagens:

*“É a educação que poderá fornecer os verdadeiros meios para remediar nossa falta de orientação. Ela e só ela deve **fecundar** nosso espírito, **cultivar as sementes** que nele depositou, valorizar as disposições e faculdades que dependem das diversas organizações; **alimentar o fogo da imaginação**, ateando-o para determinados objetos, abafando-o e apagando-o para outros.”* (D’Holbach, *Système de la Nature ou des Lois du Monde Physique et du Monde Moral* - 1770, livro I, cap. XV, 1822, t. II, p.191 *apud* Gusdorf, 1987, p. 22)

Recorrendo a Schopenhauer (um desses nossos tesouros vegetais), afirma a identidade entre o jovem discípulo de filosofia e a planta que se esforça por rasgar a terra onde foi plantada para germinar em direção ao ar:

*“é uma **planta** que, como a rosa dos Alpes ou edelweiss, só pode crescer ao ar livre da montanha; morre sob cuidados artificiais. Esses representantes da filosofia da vida burguesa representam-na como o comediante representa o rei.”* (Schopenhauer, *Ueber dir Universitatphilosophie*, p.142 *apud* Gusdorf, 1987, p. 103)

Sintomaticamente vegetal é a recorrência em páginas anteriores ao universo hindustani. Lembremos que Schopenhauer foi um dos primeiros filósofos ocidentais a mergulharem com profundidade e seriedade na filosofia e literatura védicas. Diz Gusdorf, como se tentasse homenagear um velho carvalho e mestre:

*“O temo Upanishad significa etimologicamente ‘sentar-se aos pés de alguém’. Em sinal de homenagem para ouvir um ensinamento”* (Solange Bernard, *Littérature Religieuse*, Colin, 1949, p. 640 *apud* Gusdorf, 1987, p. 45)

Assim utiliza metáforas vegetais para assinalar a necessidade do verdadeiro diálogo entre mestres e discípulos autênticos:

*“Na boca do mestre, a verdade tem o sabor da invenção, **desabrocha**. Repetida pelo discípulo, esta mesma verdade não é mais que verdade decadente e **murcha**, porque nela não mais existe o impulso.”* (p. 122).

Como planta, o discípulo tem direito a um crescimento vertical que ultrapassa o mestre: *“Em outras palavras, é para um homem uma grande sorte ter encontrado um mestre. Mas é um perigo maior continuar discípulo, isto é, continuar para sempre preso na armadilha do ensinamento recebido. O discípulo encontra-se então como que **bloqueado** no seu desenvolvimento.”* (pp. 124-125). Folheando páginas mais à frente encontramos uma argumentação mobilizada e baseada ainda nesta imagem vegetal do crescimento vertical: *“A desigualdade entre o mestre e o discípulo resolve-se em igualdade, pois a vocação do discípulo é **vocação** para a mestria. Aquele que não conseguir nunca ultrapassar o seu tempo de escola para se afirmar como mestre nunca terá sido um discípulo autêntico.”* (p. 176).

O resultado desta iniciação autêntica só poderia ser comparado ao fruto: *“O estado de discípulo será um dia ultrapassado, quando o ensino magistral tiver dado seu **fruto**.”* (Olivier Lacombe, *La direction spirituelle selon les traditions indiennes In: Direction spirituelle et psychologie. Etudes carmelitaines*, Desclée de Brouwer, 1951, p. 160 *apud* Gusdorf, 1987, p. 134). Mesmo na suas formas negativas: *“O **fruto** seco consola-se por ser um fruto.”* (p. 125). *“Uma palavra, carregada de sentido para ele, pode permanecer sem eco; uma fórmula oca pode dar **frutos**.”* (p. 174).

Estas formas negativas, imagetivamente, só poderiam resultar em pragas e parasitas: *“O discípulo de estrita observância apresenta assim o quadro clínico do **parasitismo** intelectual. Reúne-se facilmente em grupos, capelas; entre discípulos, as pessoas se reconhecem pelo fato de estarem e acordo sobre uma invocação comum.”* (p. 125).

Da planta e do fruto para o jardim, o apelo de Gusdorf se amplia na proporção da magnitude do mestre necessário. Recanto tranqüilo para o ferreiro das plantas que troca suas tenazes pelas

tesouras, a bigorna pela pequena enxada - jardineiro. No entanto, o intelecto se apropria sem o saber da imagem e a converte em *jardim da infância*, mantendo o valor feminino deste reino vegetal:

*“O sistema de educação francês no seu conjunto é concebido por adultos e para os adultos (...) Um só estágio de nossas instituições escolares é digno de elogios sem reservas, porque está realmente na medida das **crianças** que vem alegremente encher as classes e os **jardins**: as escolas maternas. Sem dúvida, em nada interessam aos altos funcionários encarregados das planificações intelectuais; estão, portanto, abandonadas à solicitude **feminina**.”* (p. 37)

A ampliação persiste e, do jardim, o mestre exige a árvore. Ontológica árvore, exemplo de ser, modelo ontológico que concilia as profundezas das raízes na terra às arborescências espraiadas no através do tronco verticalizante e axiológico:

*“Em certo sentido, o colóquio do mestre e do discípulo aproxima-se da famosa tradição do **Ramo de Ouro**, tema das reflexões de James Frazer, que se inspiravam no culto da Diana dos Bosques, tal como se praticava no santuário de Arícia, perto do lago de Nemi: ‘No pequeno bosque sagrado erguia-se uma **árvore** especial em torno da qual, a qualquer hora do dia, até mesmo a altas horas da noite, um ser de rosto lúgubre fazia a sua ronda. Levantando bem alto uma espada desembainhada, parecia procurar sem descanso, com seus olhos inquisidores, um inimigo pronta para atacá-lo. Esta figura trágica era ao mesmo tempo padre e assassino, e aquele que ele vigiava sem cessar devia, cedo ou tarde, matá-lo, a fim de exercer o sacerdócio em seu lugar. Tal era a lei do santuário. Aquele que disputava o sacerdócio de Nemi só entrava no ofício depois de ter matado o seu predecessor pelas próprias mãos; praticando o assassinio, ocupava a função até o momento em que outro, mais destro ou mais vigoroso do que ele, o matasse. Ao gozo desta dominação precária ligava-se o título de rei.”* (J. G. Frazer, *Le Rame d’Or*, Paul Geuthner, 1923, p. 5 *apud* Gusdorf, 1987, p. 176-177).

Será o nosso rei de pé sobre o sulco da terra com o cetro na mão e o coração alegre? Mas, na impossibilidade de uma resposta lógica, vemos que Gusdorf utiliza a mesma metáfora da árvore para dizer da infelicidade órfã do autodidata: *“O autodidata é uma maneira de herói, mas um herói sem nenhuma esperança. Os livros da biblioteca lhe escondem a cultura, como a outros as **árvores** podem esconder a floresta em que se perderam.”* (p. 133).

Aqui o movimento de ampliação vegetal persiste e, da árvore, vamos para a imagem dos bosques e florestas: *“Em vez de correr em direção ao dinheiro, à técnica, ao poder, em vez de se fechar para sempre no escritório, fábrica ou laboratório, o jovem espírito deteve-se um momento no **bosque sagrado** caro às Musas. Lugar de utopia, lugar de encantos austeros; é nesse lugar que será proferida para ele, no ócio, a palavra decisiva: ‘Lembra-te de seres homem.’”* (p. 211). *“O camponês, o*

homem das **florestas**, quando vem à cidade grande, choca-se com os transeuntes; habituado a dispor de grandes espaços, não possui a maleabilidade do cidadão preparado para se locomover no meio da multidão das calçadas.” (p. 142). Ainda, num pequeno comentário que, coincidentemente, volta a se referir à Índia: “Os observadores sagazes encarregados, por volta de 1800-1810, da educação do garoto ‘selvagem’ encontrado nas **florestas** do Aveyron, chegaram por sua própria conta às mesmas conclusões que aqueles que se ocuparam em seguida dos ‘meninos-lobo’ da Índia.” (p. 132).

E a persistência sobre estas imagens hindustanis aliadas ao universo vegetal, leva Gusdorf a fazer um outro comentário sobre o modelo primordial do mestre: “*Depositário das tradições sagradas, mestres dos rituais de iniciação, o xamã, o feiticeiro, o curandeiro é o primeiro de todos os mestres do gênero humano que se tem notícia. A sua função consiste em assegurar a continuidade da vida social pela transmissão dos segredos que lhe servem de base e a inspiram. No decurso dos retiros na **floresta** ou na selva, assinalados por provas e cerimônias de elevada intensidade dramática, o xamã confia aos jovens a tarefa de manter por sua vez a pacífica harmonia do modo de vida, na amizade fiel e na comemoração dos deuses fundadores.*” (p. 181).

Mais um movimento de ampliação se faz necessário e nosso mestre passa das florestas para os vales férteis, retomando a se referir à Índia: “no próprio momento em que a civilização toma decididamente impulso nos **vales férteis** dos grandes rios do Egito, da Mesopotâmia, da Índia e da China. A humanidade põe fim à sua infância com a instituição da escola...” (p. 184).

E então, um movimento final de ampliação e passamos com ele, dos vales férteis para a paisagem mais ampla. Paisagem vegetal mas que, por princípio, inclui o próprio ser humano: “A aventura humana do conhecimento nasceu no **jardim** do Éden, e toda cultura sonha talvez em reconquistar o paraíso perdido (...) O sonho da cultura assim encarnada em forma de Jardim, de Academia ou de Universidade, é o desejo de que a harmonia humana, depois de ter ido do homem à paisagem, retorne, para as gerações futuras, da **paisagem** ao **homem**.” (p. 156).

Em outros dois trechos, volta a mencionar a paisagem: “Uma mesma civilização se prolonga no seio de uma mesma **paisagem** material e intelectual, na bacia mediterrânea e suas dependências.” (p. 190) e “No centro desta remodelação da **paisagem** cultural, a fé tradicional acha-se, ela própria, questionada.” (p. 193).

Este universo vegetal das ramas que se entrelaçam e do Hefaiсто-jardineiro traficam também a idéia básica do vegetalismo: o ciclo da semente que germina, cresce, frutifica e volta a semear a terra numa ressurreição que domina o tempo e não luta contra ele. Gusdorf, ao tratar do reconhecimento do mestre pelo discípulo, coincidentemente ilustrado pelo encontro entre Vivekananda e Ramakrishna,

“mestre espiritual da Índia moderna” (p. 164), justifica seu próprio fascínio diante do encontro tentando conciliar seu ímpeto ocidental racionalizador:

*“Mas a metafísica da **reencarnação** não é aqui senão uma interpretação secundária e como que uma explicação de um fato humano fundamental. Os amigos, os amantes que uma paixão súbita une também têm a impressão de se conhecerem há muito tempo. O recurso ao passado, a justificação pela anterioridade acusam somente a validade suprema do presente. O acontecimento decisivo, na sua atualidade, impõe-se desde sempre e para sempre: sua validade estende-se a **todas as perspectivas da representação**.”* (p. 165).

Mas, temos ainda a seqüência do círculo final no escudo de Hefaiсто que nos dá provas do caráter rítmico e musical de sua trajetória mítica. Gusdorf desliza seus exemplos para este: “Mas há também **orquestras** de grande qualidade e outras que não saem da mediocridade; será a boa orquestra que faz os bons instrumentistas, ou os instrumentistas é que fazem o valor da orquestra? E, aliás, a mesma orquestra não rende de maneira diferente segundo a personalidade do maestro que a conduz?” (p. 160).

Acrescentaríamos às questões do próprio Gusdorf: quem será o maestro? Num exemplo final, ele desliza ainda mais para esta configuração musical, reforçando o ritmo e as batidas do martelo de Hefaiсто, ingenuamente transformados em *tambor* :

*“Era um pobre homem que tocava um **tambor** nas ruas de Paris (...) Não se podia conceber mais vigor, mais ímpeto, mais medida e nitidez, mais riqueza no rufar; o desejo ideal não o excedia. Fiquei surpreso e consolado. A perfeição desta miséria me fez bem; eu o segui durante muito tempo. O bem é, pois, possível, me dizia eu, e o ideal por vezes pode encarnar-se!”* (Gratry, *Souvenirs de ma jeunesse*, 4ª. ed., 1876, pp. 121-122 *apud* Gusdorf, 1987, p. 213).

Um último elemento que interliga a obra de Gusdorf e o mito de Hefaiсто. Na descrição de Homero, a pedra de toque no ornamento do escudo é gravar o rio *Oceano* no bordo extremo do escudo. Rio de onde brota a Força de Hefaiсто, irmão e esposo daquela que o salvou e a quem é eternamente grato, Tétis. Matriz de seu fogo úmido, de sua chama. É justamente sobre a metáfora do rio da vida que Gusdorf utiliza a citação feita, de modo genial, de Nietzsche - o protagonista de uma filosofia a marteladas, num texto em homenagem ao mestre Schopenhauer:

*“Jovem alma... Ninguém pode construir-te a ponte sobre a qual deverás transpor o **rio da vida**, exceto tu própria”* (Nietzsche, *Schopenhauer Éducateur, Considérations Inactuelles*, 5ª. ed., 1922, pp. 11-12 *apud* Gusdorf, 1987, p. 212).

Seriam apenas devaneios infantis de um bachelardianamente apaixonado pelas letras e pelos mitos? Carece de demonstração lógica? Desde o início não nos propusemos a trilhar os caminhos de

uma lógica aristotélica. O que não quer dizer que não haja uma racionalidade interna própria em nossas investigações. Afinal, não sonhamos sozinhos, apenas da solidão.

*“Mas a cultura é também um sonho,  
o conjunto de sonhos de que se alimenta  
uma espiritualidade.”*

(Gusdorf, 1987, p. 155.)

## O CREPÚSCULO DO MESTRE E O SILÊNCIO

*“É preciso, evidentemente, que ambos se habituem à idéia deste **crepúsculo** do ídolo. Mas isto não acontecerá sem tristeza nem angústia, pois a solidão será pesada tanto para um como para outro. O mestre não dá esta liberação sem custo, e o discípulo não a aceita sem pena. Sem dúvida, o conflito pode ser amenizado ou amortecido; mas parece que é **inelutável**, na medida em que o mestre for um verdadeiro mestre e o discípulo um autêntico discípulo.”* (p. 128)

Uma palavra final ainda sobre esta tentativa de mitocrítica de Georges Gusdorf.

Tentamos mostrar como vemos o mito de Hefaiсто impregnar esta obra inimitável de Gusdorf. Alertávamos sobre a nossa dificuldade de distanciamento em relação ao pensamento do autor. Na verdade, trata-se de uma dificuldade inerente às próprias imagens que circulam sob sua pena, pois são imagens que nos atravessam a alma de forma profunda e ainda que municiados de instrumentos teóricos e mitológicos para a tarefa, muitas vezes a crítica se torna apologia. Mesmo, e principalmente, no âmbito mitológico.

Por mais que estejamos habituados ao exercício, nem sempre frutífero, da reflexão filosófica e antropológica, nossas motivações inconfessadas se adiantam e tomam de nossas mãos desatentas os instrumentos que havíamos preparados na ingenuidade dos projetos. Creio que as longas horas de trabalho árduo sobre o texto e sobre as imagens, prescindindo inclusive do repouso necessário, se dão no torvelinho labiríntico de uma busca pessoal.

Além de tentar evidenciar a trajetória hefaísta, tentamos também evidenciar sua vinculação com a estrutura de sensibilidade mítica dramática de que trata Gilbert Durand. Em outras oportunidades vimos tentando alertar para a especificidade desta estrutura, o que resultaria numa outra classificação tópica da arquetipologia geral do Imaginário em Durand, acrescentando um terceiro regime de imagens aos regimes diurno (heróico) e noturno (místico). Este regime que denominamos de

**regime crepuscular** estaria vinculado à estrutura dramática, então não mais vinculada ao regime noturno.

Na obra de Gusdorf ainda vemos elementos que apontariam nesta mesma direção. Seja na menção explícita ao crepúsculo como no seguinte trecho:

*“O discípulo emancipado não pode perdoar aos seus mestres o fervor que teve por eles. A própria ingratidão é testemunho, e como que uma homenagem prestada à importância que tiveram em sua vida, pois esta ingratidão não é ainda o último julgamento. Ao longo de sua existência, ou ainda no **crepúsculo** de seu pensamento.”* (p. 131).

Seja na associação do crepúsculo com o **silêncio**. Este momento intermediário entre o dia e a noite, em que a mediação de um para o outro nos atesta o caráter cíclico da vida e a esperança vegetal da renovação, é momento privilegiado de **contemplação**. O movimento físico em transição nos incita o olhar e o espírito para presenciar a rápida transição. Movimento, ritmo e enlace parecem ser os mitologemas principais deste regime de imagens baseados na dominante copulativa. A fecundação vegetal se concilia com o movimento rítmico animal cinzelando o céu com cores minerais. Não se fala na cópula. Se copula. A música do silêncio preenche os espaços. É preciso calar-se.

Gusdorf, em suas últimas linhas sobre o verdadeiro mestre e o discípulo autêntico, reforça repetidas vezes o valor desse silêncio no crepúsculo recíproco de mestre e discípulo: *“No contato com ao mestre, o discípulo reconcilia-se com a **vida**; no contato com o discípulo, o mestre reconcilia-se com a **morte**. Cada um dá e recebe ao mesmo tempo; cada um recebe de modo diverso do que dá, mas na proporção daquilo que dá.”* (p. 168). Vejamos algumas frases em que assinalam este valor contraditório para quem depende da fala para o seu próprio ofício:

- ☞ *“Sobre o que não se pode falar, deve-se guardar **silêncio**”* (Wittgenstein, *Tractatus Logico-Philosophicus*, proposição 7, 1960, p.189 *apud* Gusdorf, 1987, p. 92)
- ☞ *“É o seu **silêncio** que seria ao mesmo tempo um apelo e um desafio, último recurso do homem para o homem”* (p. 92).
- ☞ *“Falar é **blasfêmia**, ficar calado é **enganador**”* (mestre I-t’uan, por D.T. Suzuki, op. cit, p.998 *apud* Gusdorf, 1987, p.93).
- ☞ *“O essencial **nunca será dito**; o mestre e o discípulo só podem tomar consciência dele sob forma de uma antecipação profética, em esperança ou em lembrança. Um certo pudor, uma reticência ontológica retêm aqui os personagens do drama, pois a última palavra **Ihes escapa** e a tentativa de dizê-la teria o caráter de uma espécie de **profanação**.”* (p. 164)
- ☞ *“O **silêncio** do mestre importa mais que a palavra do mestre, silêncio não de ausência, mas de **presença**.”* (p. 175).

Paradoxalmente Gusdorf reafirma o caráter mágico da palavra do mestre para que o sentido desse silêncio se faça ainda maior: “A palavra do mestre é uma palavra **mágica**: um espírito desperta ao apelo de um outro espírito; pela graça do encontro, uma vida foi mudada. Não que essa vida deva daqui para frente dedicar-se a imitar a alta existência que, num dado momento, cruzou e iluminou a sua. Uma vida mudou, não à imagem da outra vida que a visitou, mas à sua própria e singular semelhança. Jazia na ignorância e passou a conhecer-se e pertencer-se, a depender unicamente de si mesma, a sentir-se responsável por **sua própria realização**.” (p. 9).

☞ “Toda palavra é **encantamento**.” (p. 148).

☞ “O professor ‘dá aula’ para esses trinta alunos. Mas, sob o anonimato desta realidade objetiva, há talvez um mestre que deseja ser compreendido; e talvez haja trinta discípulos possíveis, trinta, ou vinte, ou dez existências à **espreita** de uma **palavra de vida** que cada uma espera seja **dita só para si**.” (p. 160).

Gusdorf sabe desta contradição interna, porém também sabe que são complementares um ao outro: a palavra (heróica ou noturna) e o silêncio (crepuscular). Daí ele reafirmar o valor de uma metafísica que a despeito dos filósofos de plantão continua presente:

“Grande número de professores, a maior parte sem dúvida, hesitaria em reconhecer no **silêncio** a última palavra e a primeira de seu destino. Confortavelmente instalados na pequena ilha de sua especialidade, olham para a verdade como o gerente de uma grande loja com múltiplas sucursais para o conjunto da rede de distribuição de que faz parte. Trata-se, para eles, de repartir o saber que detêm, e bastam-lhes os problemas técnicos. Como fazer para que o maior número de alunos da classe alcance a média em inglês ou matemática? Mas também aqui a técnica **oculta a metafísica**. Não basta ignorar a metafísica para suprimi-la, como não basta à criança fechar os olhos para ficar escondida dos olhos dos outros.” (p. 97).

Este caráter transitório e ao mesmo tempo fecundo do crepúsculo que permite a conciliação dos contrários na sua expressão mítica de primeira ordem que é Hermes, também se estende ao velho ferreiro coxo, principalmente através da mediação comum ao dois: o amor. Ambos partilharam do leito de Afrodite. O primeiro terá como filho o próprio *Hermafrodito*, o segundo terá *Erectônio*, o “filho da terra”, metade homem e metade serpente. Luz e trevas conjugadas e mediadas pelo momento mágico do crepúsculo. Não é outro o sentido desta história zen do pintor-forjador chinês U-Tao-Tseu que Gusdorf incluiu em sua obra, a partir do eranosiano D.T. Suzuki:

“O grande pintor chinês U-Tao-Tseu, pintou para o Imperador uma sala do palácio. Acabada a pintura, o Imperador pode admirar uma magnífica paisagem. ‘Vede - disse o pintor - na caverna, ao pé desta montanha, habita um espírito’. Bateu palmas e a porta que fechava a entrada da caverna abriu-se. ‘O interior é magnífico, e o esplendor ultrapassa tudo o que as palavras podem

expressar. Permite que vos mostre o caminho'. *Dizendo isto, entrou na caverna. A porta fechou-se atrás dele e antes que o Imperador, atônito, pudesse falar ou fazer um gesto, tudo desapareceu da parede que voltou a ser branca. Nunca mais se viu U-Tao-Tseu. A parábola vai longe. O mestre passou para o outro lado do espelho, a miragem dissipou-se. Diante da parede branca, o Imperador e sua corte ficaram silenciosos e, sem dúvida, se perguntam se tudo não foi um sonho. O mestre desapareceu, tudo voltou a ser como antes, a parede e os homens. No entanto, nada mais é igual (...) O mais alto ensinamento do mestre é **apagar** o que ensinou e depois **apagar-se** a si mesmo aos olhos dos discípulos.*" (pp. 93-94).

O crepúsculo não surge e se apaga em frente a nossos olhos sem que possamos em nada alterar este fenômeno cósmico? E, entretanto, aquele que presencia seu início, mui provavelmente, não será mais o mesmo que contempla a sua despedida para a região das Hespérides.

Daí este caráter iniciático que toda pedagogia autêntica possui. É um movimento crepuscular<sup>22</sup> que marca uma transição. "O mestre quer ser antes de tudo **iniciador de cultura**. A verdade é para cada um o sentido de sua situação." (p. 208). E esta iniciação se dá em detrimento da consciência do próprio mestre: "A iniciação a alguns modestos teoremas propõe-se como uma **parábola da iniciação** às mais elevadas verdades espirituais." (p. 8). Mais ainda no caso daquele ou daquela que recebe a pequena criatura candidata a membro da cultura humana: "Todo professor primário é um **feiticeiro**; qualquer professor é um Sócrates. Laicizado, profanado, o magistério do espírito nem por isso é inteiramente dessacralizado." (p. 182).

Por isso, Gusdorf afirma que "a educação se realiza **a despeito** do ensino, quando isso é possível." (p. 37). Em sua distinção basal entre o mestre e o professor, se dá justamente porque este último é descartável: "Podemos, certamente, substituir o **professor** por um livro, uma estação de rádio ou um gravador, e não faltam tentativas nesse sentido." (p. 27).

O mestre é insubstituível. Aliás só o é porque, sendo fiel a seus próprios mestres, deixou também, além da busca constante da verdade, uma realização: "É por isso que a ação do mestre pode se exercer na sua ausência e **além de sua morte**. Basta uma palavra, basta uma obra, basta um livro, e a influência é exercida apesar dos séculos." (p. 63). Os imitadores são flagrados em sua soberba, pois aqui também se aplica o que dizia Giraudoux: "toda literatura é imitação, salvo a primeira que, infelizmente, **desapareceu**." (p.7)

---

<sup>22</sup> Ferreira-Santos (1998): "Práticas Crepusculares: Mito, Ciência e Educação no Instituto Butantan – Um Estudo de Caso em Antropologia Filosófica", FEUSP: tese de doutoramento, 2 vols., ilustr.

“Há uma **escatologia** da pedagogia.” (p. 12) porque n`“O mais furtivo encontro, um ser entrevisto, é alguém que eu poderia ter **amado**.” (p. 143), e quando intensamente amado, “Um dia será necessário manter **distância** mesmo em relação ao mestre mais amado.” (p. 173). O caráter essencialmente paradoxal da relação mestre discípulo nos atesta a sua dimensão iniciática, à qual talvez fosse necessária uma arqueologia pedagógica em direção ao seu forte componente mítico: “Se a pedagogia atual é inútil, seria necessária uma espécie de **arqueologia** pedagógica ou de pedagogia arqueológica ainda mais irracional.” (p. 24).

Com tal abertura nada temos a perder. Muito ao contrário, muito nos enriqueceria transitar pelas várias roupagens culturais de nossa unicidade arquetipal: “Isto não significa, no entanto, que o homem do Ocidente deva desesperar com sua própria cultura (...) O Ocidente viveu durante muito tempo na crença cândida de que a sua cultura era a cultura (...) A cultura é um outro nome da **esperança**.” (p. 205).

Mas, “virão os críticos e os historiadores, os professores que comentarão e explicarão, revelando intenções e descrevendo simetrias (...) É preciso deixar falar os **tagarelas**: o essencial será sempre essa procura desigual, esse **desejo do impossível**, que o mestre autêntico vive dia a dia e que acabará por **matá-lo**. Essa é a história que ninguém pode compreender, e que, aliás, não interessa a ninguém.” (p. 91).

Não interessa a ninguém porque é a história íntima do próprio mestre. Ainda que tentemos compreendê-la à luz da antropologia profunda em sua trajetória mítica, só poderemos realmente compreendê-la ao retomarmos, nós mesmos, a nossa própria história e nosso mito pessoal. Aí talvez encontremos o mestre sob o disfarce mais imprevisível nos sorrindo com seu andar coxo sobre o velho bastão a nos secretar a verdade que passamos a vida toda buscando:

“O segredo da mestria é que **não há mestres**.” (p. 212).

私の月姫へ



## BIBLIOGRAFIA

*“A cultura é um sonho, ou um conjunto de sonhos,  
cujo foco imaginário se acha domiciliado,  
de uma vez por todas,  
nas épocas longínquas do passado.”*  
(Gusdorf, 1987, p. 194)

- AZEVEDO, Fernando. *A Transmissão da Cultura - Parte 3*. São Paulo/Brasília: Melhoramentos/INL, 5a. ed., 1976.
- BACHELARD, Gaston. *Fragmentos de uma Poética do Fogo*. Org. de Suzanne Bachelard. São Paulo: Brasiliense, 1990.
- BACHELARD, Gaston. *A Chama de uma Vela*. Rio de Janeiro: Editora Bertrand Brasil, 1989.
- DURAND, Gilbert. *L'Imaginaire. Essai sur les sciences et la philosophie de l'image*. Paris: Hatier, 1994.
- DURAND, Gilbert. *Las Estructuras Antropológicas del Imaginario: Introducción a la Arquetipología General*. Madrid: Taurus Ediciones, 1981.
- DURAND, Gilbert. *Mito e Sociedade: A Mitanálise e a Sociologia das Profundezas*. Lisboa: A Regra do Jogo Edições, Ensaios n.o 7, 1983.
- DURAND, Gilbert. *Mito, Símbolo e Mitodologia*. Lisboa: Editorial Presença, 1982.
- DURAND, Gilbert. *Science de l'homme et tradition: le nouvel esprit anthropologique*. Paris: L'Île Verte Berg International, 1979.
- DURAND, Gilbert. *Sobre a Exploração do Imaginário, seu Vocabulário, Métodos e Aplicações Transdisciplinares : mito, mitanálise e mitocrítica*. São Paulo: Revista da Faculdade de Educação, USP, 11 (1/2), 244:256, 1985.
- ÉSQUILO. *Prometeu Acorrentado*. In: *Teatro Grego*. Trad. de Osmar Perazzo Lannes. São Paulo: Paumape, 1993.
- FERREIRA-SANTOS, Marcos. *Adolescência da Filosofia: uma introdução*. Ilustrações em sumi-ê pela artista plástica Ana Lúcia Gimenez R. Lupinacci. São Paulo: Editora Letras & Letras, no prelo.
- FERREIRA-SANTOS, Marcos. *Arte & Pessoa: Arpejos de Antropologia Filosófica em Educação*. Prefácio do Prof<sup>o</sup> Dr. Antonio Joaquim Severino. São Paulo: Editora Letras & Letras, no prelo.
- FERREIRA-SANTOS, Marcos. *Ciência e Imaginário na Ação Pedagógica do Instituto Butantan: Mitogênese das Pedagogias Crepusculares - Estudo de Caso à Luz da Antropologia Filosófica Personalista*. FEUSP, *Série Estudos e Documentos*, 39: 133-152, 1997.
- FERREIRA-SANTOS, Marcos. *Francis Bacon: A Instauração Inacabada ou Da Agulha de Marear*. *Revista da Universidade de Guarulhos*, série Pós-Graduação, II (1): 37-43, fevereiro de 1997.

- FERREIRA-SANTOS, Marcos. ***Práticas Crepusculares: Mytho, Ciência e Educação no Instituto Butantan – Um Estudo de Caso em Antropologia Filosófica***. São Paulo: FEUSP, Tese de doutoramento, ilustr., 2 vols., 1998.
- GRIMAL, Pierre. ***Dicionário da Mitologia Grega e Romana***. São Paulo: Editora Bertrand Brasil, 2ª ed., 1993.
- GUSDORF, Georges. ***Mythe et Métaphysique***. Paris: Flammarion Éditeur, 1953.
- GUSDORF, Georges. ***Professores para quê ?***. São Paulo: Martins Fontes, 1987.
- GUSDORF, Georges. ***Progressos e Impasses da Liberdade***. São Paulo: Editora Convívio, 1979.
- HESIÓDO. ***Teogonia: A Origem dos Deuses***. Estudo e trad. de Jaa Torrano. São Paulo: Editora Iluminuras, 1995.
- HOMERO. ***Iliada***. Intr. e notas de Eugène Lasserre, trad. de Octávio Mendes Cajado. São Paulo: Difel, Clássicos Garnier, 1961.
- MERLEAU-PONTY, Maurice. ***O Homem e a Comunicação: A Prosa do Mundo***. Rio de Janeiro: Edições Bloch, 1974.
- MERLEAU-PONTY, Maurice. ***Elogio da Filosofia***. Lisboa: Guimarães Editores, 3ª ed., 1986.
- MEUNIER, Mario. ***A Legenda Dourada: Nova Mitologia Clássica***. São Paulo: Ibrasa, 1961.
- PAULA CARVALHO, José Carlos. ***Hermenêutica e Mitocrítica das Estórias de Vida: Vetores para uma investigação de antropologia profunda***. São Paulo: FEUSP, digit., 1995.
- RICOEUR, Paul. ***Interpretação e Ideologias*** (org. de Hilton Japiassú). Rio de Janeiro: Francisco Alves, 3ª ed., 1988.